



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

HELOANE MEDEIROS DO NASCIMENTO

**“QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”: HISTÓRIAS DE
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES**

CUITÉ
2017

HELOANE MEDEIROS DO NASCIMENTO

**“QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”: HISTÓRIAS DE
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

Orientadora: Prof. Dr^a. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima

CUITÉ

2017

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

N244q Nascimento, Heloane Medeiros do.

“Qualquer maneira de amor vale a pena”: histórias de homossexuais e suas vivências familiares. / Heloane Medeiros do Nascimento. – Cuité: CES, 2017.

95 fl.

Monografia (Curso de Graduação em Enfermagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2017.

Orientadora: Alynne Mendonça Saraiva Nagashima.

1. Homossexualidade. 2. Relações familiares. 3. Apoio social. I. Título.

Biblioteca do CES - UFCG

CDU 613.885

HELOANE MEDEIROS DO NASCIMENTO

**“QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”: HISTÓRIAS DE
HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES**

Monografia apresentada à Coordenação do Curso de Bacharelado em Enfermagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande – Campus Cuité, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Enfermagem.

DATA DA APROVAÇÃO: /_/2017

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr^a. Alynne Mendonça Saraiva Nagashima
Orientadora
Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Luciana Maria Pereira de Sousa
Avaliadora externa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Ms. Amanda Haissa Barros Henriques
Avaliadora externa
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco

*Dedico este trabalho a aqueles que, assim como eu,
acreditam que o AMOR é o único sentimento capaz
de salvar o mundo.*

AGRADECIMENTOS

Uma das tarefas mais difíceis durante toda jornada está sendo expressar em palavras todo esse turbilhão de sensações e sentimentos prestes a explodir dentro de mim.

Houve dias difíceis, noites complicadas, madrugadas intermináveis.

Mas também houve dias de glórias, noites de felicidades e madrugadas intensas.

Eis que chega o final de mais um ciclo, e com ele, a sensação de missão cumprida, de superação, e reconhecimento por todos aqueles que contribuíram para que eu chegasse até aqui.

À Deus, pelo dom da vida, por iluminar o meu caminho, por me abençoar em todas as minhas escolhas, por me dar forças para superar as dificuldades encontradas no caminho e por me proteger durante todas as voltas para casa.

Aos meus pais, por todo amor, cuidado, carinho e compreensão. Por estarem ao meu lado em todos os momentos importantes da minha vida e pela batalha diária pela minha formação.

Sem vocês eu nada seria.

À minha irmã, por todo carinho, incentivos e conselhos, mesmo quando eu menos mereci.

À minha avó, minha fonte de afeto e ternura, dona do meu carinho mais sincero, do meu abraço mais apertado e do meu amor duplicado.

Ao meu Avô (*sempre em minha memória*), por todos os ensinamentos, exemplo de caráter e ser humano. És a minha maior e mais linda saudade.

À toda minha família, em especial, minhas primas Tarcilla e Jordânia por me proporcionarem uma infância memorável.

Aos amigos que a universidade me presenteou, em especial Bárbara, Mariéllison, e minha companheira de estágio, Kelle, por todos os momentos compartilhados.

À Renato Azevedo, por me ensinar o quão intenso é sentir-se amada. Jamais esquecerei seu apoio quando mais precisei dele.

À Magna Janyne, pelo companheirismo, força e incentivo. Obrigada por absolutamente tudo, em cada conquista há um pouco de você.

À Amanda Haíssa por todas as contribuições para minha vida acadêmica e profissional.

À minha orientadora, Alynne Mendonça, peça fundamental e essencial nesta conquista, meus sinceros agradecimentos.

Aos colaboradores deste estudo, pelas histórias e lições de vida compartilhadas.

Por fim, à todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra para que eu chegasse até aqui, meu muito obrigada!

*“Nenhuma luta haverá jamais de me embrutecer,
nenhum cotidiano será tão pesado a ponto de me
esmagar, nenhuma carga me fará baixar a cabeça.
Quero ser diferente, eu sou, e se não for, me farei.”*

(Caio Fernando Abreu)

NASCIMENTO, H. M. “Qualquer maneira de amor vale a pena”: histórias de homossexuais e suas vivências familiares. 2017, 95 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Enfermagem). Universidade Federal de Campina Grande, Cuité, 2017.

RESUMO

Muitas vezes o comportamento preconceituoso e excludente com relação aos homossexuais surge dentro da própria família. Para alguns pais é difícil aceitar a homossexualidade dos filhos e muitas vezes, preferem acreditar que se trata de uma fase de experiências e descobertas, a encarar de forma natural. O ambiente familiar, o qual deveria ser considerado como favorável e acolhedor, passa a ser visto como um ambiente desfavorável e repressor para muitos homossexuais. Objetivou-se com este estudo compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva, exploratória, respaldada pelo método de História Oral. Ao narrar sua história, cada participante reviveu experiências, lembrou situações de dor e de superação, possibilitando um resgate de memórias de forma libertadora, traçando novos sentidos para continuarem lutando por respeito e igualdade. Após relatarem situações de repressão, alguns narradores demonstraram fortes emoções e descontentamento por não serem aceitos por determinados membros familiares apenas por não se adequarem ao padrão heteronormativo imposto pela sociedade. Para melhor compreender essas vivências familiares, a análise das narrativas possibilitou a elaboração de dois principais eixos temáticos: 1) Entre a opressão e a liberdade: as dores e superação em face da revelação da homossexualidade dentro do contexto familiar, e; 2) Redes de apoio e estratégias de enfrentamento: o que se encontra no fim do arco-íris? Com base na análise das narrativas, evidenciaram-se trechos subjetivos que indicaram dificuldades na aceitação entre os familiares, e em alguns relatos ficaram nítidos a existência de violência e repressão após a revelação da homossexualidade para a família. Outras formas de resistência na aceitação da homossexualidade dentro do contexto familiar foram identificadas nos relatos dos participantes, como por exemplo, o fato de alguns familiares optarem por silenciarem e não permitirem em alguns casos a exposição da homossexualidade do parente para a sociedade. Este estudo revelou ainda, que os grupos de apoio formados a partir das relações de amizade, favorecem o enfrentamento do preconceito com mais otimismo e fornece ao homossexual a certeza de que o mesmo não está sozinho, o que proporciona a força necessária para continuar na luta contra o preconceito. Os colaboradores afirmam em seus relatos a importância do crescimento pessoal e profissional como forma obter o respeito familiar e social, utilizando da independência financeira como estratégia para conquistar a sua autonomia e o seu espaço na sociedade. Apesar da dificuldade na aceitação e da violência vivenciada por alguns depoentes serem constantes dentro dos seios familiares, a família também tende a atuar como provedora de afeto, cuidado e proteção. Desta forma, acredita-se que este estudo contribuirá para a ampliação dos conhecimentos acerca da temática e facilitará a compreensão no que se refere às diversas formas de orientações sexuais e identidade de gênero.

Descritores: Homossexualidade; Relações familiares; Apoio social.

NASCIMENTO, H. M. "**Any way of love is worth it**": stories of homosexuals and their family experiences. 2017, 95 f. Completion of course work (Bachelor of Nursing). Federal University of Campina Grande, Cuité, 2017.

ABSTRACT

Often prejudice and exclusionary behavior towards homosexuals arises within the family itself. For some parents it is difficult to accept the homosexuality of their children and often, they prefer to believe that it is a phase of experiences and discoveries, to face naturally. The family environment, which should be considered as favorable and welcoming, is now seen as an unfavorable and repressive environment for many homosexuals. The objective of this study was to understand the experience of homosexuals in family dynamics and their support networks. It is a research of qualitative approach of the descriptive, exploratory type, backed by the Oral History method. In narrating their story, each participant revived experiences, recalled situations of pain and overcoming, allowing a rescue of memories in a liberating way, tracing new meanings to continue fighting for respect and equality. After reporting repressive situations, some narrators have shown strong emotions and discontent that they are not accepted by certain family members just because they do not conform to the heteronormative pattern imposed by society. To better understand these family experiences, the analysis of the narratives made it possible to elaborate two main thematic axes: 1) Between oppression and freedom: pain and overcoming in the face of the revelation of homosexuality within the family context; 2) Support networks and coping strategies: what is at the end of the rainbow? Based on the analysis of the narratives, there were subjective excerpts that indicated difficulties in the acceptance among the relatives, and in some reports the existence of violence and repression after the revelation of homosexuality for the family became clear. Other forms of resistance in the acceptance of homosexuality within the family context were identified in the participants' reports, such as the fact that some relatives chose to silence and in some cases did not allow the exposure of the relative's homosexuality to the society. This study also revealed that support groups formed from friendship relations favor confronting prejudice with more optimism and provide the homosexual with certainty that he is not alone, which provides the necessary force to continue the struggle Against prejudice. The collaborators affirm in their reports the importance of personal and professional growth as a way to obtain family and social respect, using financial independence as a strategy to conquer their autonomy and their space in society. Despite the difficulty in acceptance and violence experienced by some deponents being constant within the family's breasts, the family also tends to act as a provider of affection, care and protection. Thus, it is believed that this study will contribute to the expansion of the knowledge about the subject and will facilitate the understanding regarding the different forms of sexual orientation and gender identity.

Keywords: Homosexuality; Family relationships; Social support.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – Caracterização do perfil dos colaboradores	33
---	----

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

CAAE – Certificado de Apresentação para Apreciação Ética

CID – Classificação Internacional de Doenças

CNJ – Conselho Nacional de Justiça

CNS – Conselho Nacional de Saúde

GLOS – Grupo pela Livre Orientação Sexual

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais/travestis/transgêneros

ONG – Organização não-Governamental

OMS – Organização Mundial de Saúde

STF – Supremo Tribunal Federal

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	12
	2 PRESSUPOSTO 16
	3 OBJETIVOS 18
	3.1 Geral 19
	3.2 Específicos 19
4 REVISÃO DE LITERATURA.....	20
4.1 Gênero: conceitos e discussões atuais.....	21
4.2 Homossexualidade: conceitos ao longo da história.....	22
4.3 A homossexualidade e a família	25
5 PERCURSO METODOLÓGICO.....	29
5.1 Abordagem e tipo de pesquisa.....	30
	5.2 Local da pesquisa 30
5.3 Colaboradores do estudo	31
5.4 Coleta e análise do material.....	31
	5.5 Considerações éticas 33
6 HISTÓRIAS DE VIDA.....	35
<i>Lilás.....</i>	<i>36</i>
<i>Laranja.....</i>	<i>39</i>
<i>Vermelho.....</i>	<i>42</i>
<i>Azul.....</i>	<i>45</i>
<i>Verde.....</i>	<i>48</i>
<i>Amarelo.....</i>	<i>52</i>
<i>Azul Turquesa.....</i>	<i>56</i>
7 FRAGMENTOS DA MEMÓRIA: ANÁLISE DE NARRATIVAS	62
7.1 Eixo Temático 1: Entre a opressão e a liberdade: as dores e superação em face da revelação da homossexualidade dentro do contexto familiar	64
7.2 Eixo-temático 2: Redes de apoio e estratégias de enfrentamento: o que se encontra no fim do arco-íris?	75
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICE A	89
ANEXOS	90

1 Considerações Iniciais



No decorrer dos anos surgiram diversos conceitos e definições a respeito do termo “homossexualidade”, o qual foi criado por um jornalista da Áustria chamado Karl-Maria Kertbeny em 1868, esses conceitos e definições variaram de acordo com cada sociedade a depender do seu período histórico. Essas variações de conceitos nos permite entender como se deu o surgimento do preconceito e da discriminação existente até os dias atuais contra os homossexuais (SANTOS; ATAÍDE; SILVA, 2013; SILVA et al., 2016).

Apesar das marcas deixadas pelas transições históricas, os homossexuais estão cada vez mais empoderados e emancipados para lutarem por seu lugar no mundo. O avanço dos movimentos sociais tem favorecido o reconhecimento dessas pessoas como possuidoras de direitos e deveres assim como qualquer outra, e embora o padrão heteronormativo, o qual define a heterossexualidade como única condição aceitável, seja ainda altamente vigente em nossa sociedade, muitas pessoas já enxergam a homossexualidade e outras formas de identidade de gênero como algo natural e não mais como um desvio comportamental ou um desvio de conduta (SILVA; MUNHOZ, 2015).

Essas conquistas foram alcançadas após longas lutas em busca de reconhecimento, compreensão e respeito, pois antes, os homossexuais eram vistos e tratados de um modo geral como seres doentes e pecaminosos por fugirem do padrão sexual considerado normal. Não há ainda uma aceitação de que a homossexualidade seja tão natural quanto à heterossexualidade, mas há uma tolerância mais significativa quando comparada há 10, 20, 30 anos atrás (FARIAS, 2010).

Muitas vezes o comportamento preconceituoso e excludente com relação aos homossexuais surge dentro da própria família. Alguns pais demoram a aceitar ou negam a homossexualidade dos filhos e preferem acreditar que se trata de uma fase de experiências e descobertas, a encarar de forma natural. O ambiente familiar, o qual deveria ser considerado como favorável e acolhedor, passa a ser visto como um ambiente desfavorável e repressor para os homossexuais (COSTANTIN, 2011).

A partir desses sentimentos de repressão, acompanhados, na maioria das vezes, de sensações de rejeição pela família, começam a surgir pensamentos de inferioridade por se considerarem diferentes dos demais membros familiares, o que acarreta em sofrimento emocional e psíquico a pessoa homossexual. Esconder sua verdadeira orientação sexual passa a ser um meio de refúgio para evitar discussões que possam levar a atitudes drásticas ou até mesmo a agressões entre pais, irmãos e demais membros da família e com isso, vivenciam uma série de conflitos internos que geram danos inapagáveis. É necessário frisar que a homossexualidade não se trata de uma escolha ou uma opção, mas sim, de uma condição a

qual o indivíduo está pré-determinado a vivê-la (SILVA; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2016).

Em contrapartida, sabe-se que muitas famílias já são mais abertas e receptivas no tocante a identidade sexual de seus membros; acolhem, respeitam e apoiam a homossexualidade do parente desde que essa condição o proporcione satisfação pessoal e o faça feliz. Deste modo, a família possui então, um papel de extrema importância, seja de forma positiva ou de forma negativa. Positiva, quando o homossexual encontra em sua família a ajuda para superar as adversidades e a rejeição social. Negativa, quando a própria família torna-se culpada por essa rejeição (PERUCCI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Diante dessas situações de rejeições sociais e familiares, percebe-se que os índices de violência, seja ela psicológica ou física, envolvendo a diversidade sexual continuam crescentes em nosso país e para que seja possível alterar essa realidade é necessário o fortalecimento de ações e práticas relacionadas à temática de forma que abranja a sociedade em um todo e a faça refletir sobre suas atitudes e condutas frente à homossexualidade, atingindo principalmente o ambiente familiar visando minimizar os índices de rejeição e consolidar relações mútuas de respeito (SILVA; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2016).

Este trabalho traz histórias de homossexuais, do sexo masculino, em seus seios familiares, bem como as redes de apoio utilizadas para superar o preconceito e a discriminação. Vale salientar, que o termo homossexualidade ficou definido neste trabalho devido os participantes se reconhecerem como homossexuais, embora percebamos no decorrer das histórias, que outros conceitos e outras definições se enquadrariam melhor aos papéis que eles representam. No entanto, como a homossexualidade se refere ao tipo de orientação sexual entre pessoas do mesmo sexo, os depoentes atribuíram esse conceito para se definirem como tal.

Para abordagem do presente estudo, deve-se entender a importância e a relevância em discutir-se gênero e sexualidade, com ênfase em questões voltadas para homossexualidade. Embora a homossexualidade já seja vista de forma menos preconceituosa que na antiguidade, costumamos a nos deparar com atividades que a envolvam e principalmente que a abordem de forma natural e dinâmica que pudessem desmistificar marcas herdadas por conceitos e associações do passado.

No que se refere à vivência enquanto acadêmica do curso de Bacharelado em Enfermagem percebe-se a escassez de discussões envolvendo a temática, o que implica em pouco conhecimento por parte dos discentes no que diz respeito ao atendimento aos homossexuais e também a questões familiares que necessitem de intervenções profissionais.

É de extrema importância que a temática de gênero possa ser constante em conversas, planejamentos e debates dentro das Universidades, pois além de possibilitar esclarecimentos sobre os diversos tabus ainda existentes, pode favorecer e facilitar o entendimento de quem não compreende a naturalidade das relações de gênero, visando despertar o interesse dos discentes sobre o tema para que seja possível formar profissionais livres de preconceitos e que possuam conhecimento suficiente para atuarem diante de qualquer situação que envolva essas questões.

Faz-se necessário fortalecer ainda mais os movimentos sociais em prol da luta pelos direitos dos homossexuais, com vista a tornar este tema cada vez mais frequente e conseqüentemente mais comum em nosso meio, possibilitando à redução da discriminação e do preconceito e o aumento do respeito entre heterossexuais e pessoas que não se encaixam no padrão heteronormativo imposto pela sociedade.

Sabe-se que além do preconceito social, existe ainda o preconceito familiar, que causa danos e sofrimento psíquico ao ser que tem sua orientação sexual discriminada por ser diferente das demais. Tendo em vista tais considerações, as questões norteadoras para a realização deste estudo foram: Como a família influencia na vivência da homossexualidade? Quais as redes de apoio social e estratégias utilizadas por homossexuais para enfrentamento das dificuldades?

2 Pressuposto



O presente estudo parte do pressuposto de que os serviços de atenção de um modo geral ainda não possuem uma base sólida e estruturada para agir e intervir frente às relações família/homossexual em casos de não aceitação ou falta de conhecimento dos pais e outros familiares sobre a orientação sexual do filho. Diante dessa realidade, nota-se que os homossexuais não possuem muitas alternativas para recorrerem em casos de rejeições e conflitos familiares e/ou sociais, tendo em vista que os espaços de saúde ainda não possuem preparo suficiente para lidarem com esse tipo de situação.

Pressupõe-se que o investimento em discussões sobre o assunto ainda na graduação é o ponto chave para saber abordar e reconhecer situações geradoras de conflitos entre pais e filhos homossexuais. Sendo assim, implica-se dizer que, há um déficit de ações que envolvam tanto o jovem homossexual, quanto a família, para proporcionar maiores compreensões e visões realísticas sobre o assunto em questão.

3 Objetivos



3.1 Geral

- Compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio.

3.2 Específicos

- Conhecer como a família influencia na vivência da homossexualidade;
- Identificar a rede de apoio social e estratégias utilizadas por homossexuais para enfrentamento das dificuldades;

4 Revisão de Literatura



4.1 *Gênero: conceitos e discussões Atuais*

O gênero e a orientação sexual não são determinados através do órgão sexual, nem tampouco, através do padrão heteronormativo que define a heterossexualidade como uma norma a ser seguida pela sociedade. O conceito de gênero emergiu como uma categoria dinâmica de caráter social, em resposta ao determinismo biológico que se encarregava de fazer a distinção entre os sexos (homem/masculino e mulher/feminino). No entanto, a partir do seu contexto histórico as noções gênero independem do sexo, pois faz ver o indivíduo enquanto ser social ao configurar uma identidade pessoal permeada por suas experiências e atravessada por suas relações (HAUER; GUIMARÃES, 2015).

Segundo Nogueira (2010) pode-se caracterizar a orientação sexual em três dimensões: heterossexualidade, bissexualidade e homossexualidade. Entende-se que a heterossexualidade pode ser definida como o envolvimento emocional, sexual e amor entre pessoas de sexo diferente. A bissexualidade caracteriza-se pelo envolvimento por ambos os sexos. E a homossexualidade, por pessoas do mesmo sexo.

Não há uma norma de orientação sexual em função do gênero, pois uma dimensão não depende ou decorre da outra, assim, nem todo homem e mulher é “naturalmente” heterossexual. Com relação ao gênero, nas perspectivas atuais encontram-se as definições de transgêneros (pessoas que não se identificam com gênero que lhes foi determinado) ou “cisgêneros” (pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído). Existem ainda as pessoas que não se identificam com nenhuma dessas categorias, porém não há consenso quanto à maneira de denominá-las (JESUS, 2012).

Homossexuais se sentem atraídos por pessoas do mesmo gênero, e bissexuais por pessoas de qualquer gênero, o que não se relaciona com sua identidade de gênero, ou seja, não se questionam quanto a sua identidade como homens ou mulheres e ao gênero que lhes foi atribuído quando nasceram, ao contrário das pessoas transexuais (JESUS, 2012, p. 13).

A identidade de gênero difere da orientação sexual por compreender às formas de se identificar e ser identificada como homem ou como mulher, ao contrário da orientação sexual, que se refere à atração afetiva ou sexual que um indivíduo sente por outro. Entende-se então, que identidade de gênero corresponde ao sentido subjetivo das normas de aparência e comportamento estereotipadamente definidas por cada gênero, as quais incluem atributos adotadas por determinada pessoa e também atributos baseados no gênero que lhes foi atribuído (NOGUEIRA, 2010; SILVA, 2015).

De acordo com Solliva e Silva Júnior (2014), atualmente há um aumento significativo nos estudos sobre gênero e sexualidade no Brasil, em que se destaca a juventude como objetivo privilegiado de investigação. Entretanto, apesar desses estudos concentrarem-se principalmente nas práticas sexuais vivenciadas neste momento da vida, há ainda uma dificuldade de compreender que a violência tornou-se um problema recorrente entre os jovens homossexuais no Brasil, e principalmente, compreender a relação dos homossexuais no âmbito familiar e a violência que ali possa ocorrer.

4.2 Homossexualidade: conceitos AO longo DA história

As práticas homossexuais não se definem como uma nova forma de se relacionar, mas diferente do que comumente acreditam, essas práticas nem sempre foram vistas como erradas. Inúmeros estudos já realizados mostram que às relações entre pessoas do mesmo sexo já existiam desde a antiguidade em várias civilizações, a exemplo da Antiga Grécia e do Império Romano (MOREIRA FILHO; MADRID, 2009).

Na Grécia havia um costume de que quando a criança entrasse na adolescência, a família deste adolescente escolhesse e elegesse um homem mais velho para educá-lo. Esta relação entre o homem mais velho e o rapaz jovem, era denominada respectivamente de “erastes” e “erômenos” e acabou dando surgimento a pederastia, ou seja, a relação sexual entre dois homens, que além de ser incentivada e aprovada pela família, era tomada como modelo de ética amorosa na idade antiga (MOREIRA FILHO; MADRID, 2009; SIMPSON et al., 2007).

Segundo Moreira Filho e Madrid (2009), as relações pederásticas aconteciam após o adolescente completar 12 anos, de modo que o mesmo assumiria papel de passivo até os 18 e se tornaria adulto ao completar 25 anos de idade, tornando-se capaz de assumir a posição de erastes e escolher um rapaz jovem para ser seu erômenos, concretizando então o ciclo pederástico. As relações pederásticas entre homens da mesma idade não eram vistas como naturais, pois o homem mais velho deveria assumir o papel de ativo, sendo considerados passivos apenas as mulheres, os jovens e os escravos, por estarem em um plano inferior na sociedade.

De acordo com Simpson et al. (2007, p.425):

A relação "pederástica" não coincide com a moderna relação "homossexual", pois na Grécia não existiam palavras para designar o que chamamos de "homossexualidade"

e "heterossexualidade", porque simplesmente não existia a ideia de "sexualidade". A sexualidade é uma construção cultural recente, inventada pelas ideologias jurídico-médico-psiquiátricas do século XIX.

Na sociedade Romana, mantinha-se a mesma repulsa com relação ao homem romano que se colocava na condição de passivo, sendo considerado um ato ilícito para os Romanos. No fim do Império Romano, essa aprovação e desaprovação de relações entre dois homens, mudou completamente o sentido, quando Justiniano, em 533 a.C. passou a punir determinadas práticas com a fogueira e a castração, alegando não serem bem vistas aos olhos de Deus. Após essa grande repressão, as relações entre homens e mulheres passaram a predominar em todas as civilizações (MOREIRA FILHO; MADRID, 2009).

Toda essa mudança ocorreu com base no surgimento do Cristianismo e as interpretações das escrituras, tornando pecado toda e qualquer forma de prática sexual que não fosse por fim único de procriação. A partir da Idade Média, comportamentos homossexuais foram tidos como comportamentos não normativos e inseridos como categoria distinta e ameaçadora, alastrando o preconceito por todo o mundo e tornando-se, em certos períodos, um crime passível de morte (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012).

Enquanto a religião atribuía à pessoa homossexual como um ser perverso e pecaminoso, o judiciário o considerava um criminoso e a medicina, um doente. Assim, outra principal causa de repulsa face às práticas homossexuais foi a sua classificação como patologia pela comunidade médica e psicanalista do século XIX (CECCARELLI; FRANCO, 2010).

Embora as relações homossexuais já existissem desde os primórdios, o termo “homossexualismo” foi proposto pela primeira vez pela médica húngara Karoly Maria Benkert em 1869 com intuito de transferir essa manifestação da sexualidade do domínio jurídico para o médico em que o sufixo “ismo” sugeria a ideia de doença, sendo, desse modo, tratada como tal (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012; SILVA; MUNHOZ, 2015).

No início do século XX os homossexuais foram caracterizados como doentes mentais e foram criadas clínicas específicas para tratar e cuidar dessas pessoas. Em 1975 a prática da homossexualidade foi inserida na Classificação Internacionais das Doenças – CID, como um transtorno psíquico de caráter sexual (POESCHL; VENÂNCIO; COSTA, 2012).

Em 1985, foi informado através de um circular publicado pela Organização Mundial de Saúde – OMS, que o “homossexualismo” deixava de ser uma doença e passava a ser considerado um desajuste comportamental. Mas foi somente em 1995, segundo Moreira Filho e Madrid (2009, p. 3) que “o “homossexualismo” deixou de ser considerado um distúrbio

psicossocial e conseqüentemente deixou de constar no CID, sendo substituído o sufixo “ismo” pelo sufixo “dade”, que passou a significar “modo de ser”.

Esse “ser” ainda sofre com o preconceito das pessoas, é, por muitos, considerado diferente dos outros no processo de desenvolvimento e do trabalho, sendo desprivilegiado por isso, e principalmente no espaço familiar e nas relações sociais com outros indivíduos (DIAS, 2007, p.7).

Nos dias atuais, a homossexualidade continua sendo vista por muitas pessoas como uma prática desajustada e imoral devido os reflexos deixados pelo tempo. A homossexualidade em si, não se limita apenas a descrição de práticas ou preferências sexuais por pessoas do mesmo sexo. No entanto, sabe-se que o fator desestabilizador não é a orientação sexual, e sim, o estigma e o preconceito social e familiar vivenciados por essas pessoas, que na maioria das vezes escondem seus sentimentos e emoções para se enquadrarem as regras impostas pela sociedade e se adequarem à normatividade (FARIAS, 2010).

Em um dado momento da história, as práticas homossexuais foram tidas como normais, e noutra momento, consideradas pecado perante a esfera religiosa, criminalizada perante o judiciário e, patológica perante a medicina. Essa realidade influenciou na atual repulsa contra os homossexuais e conseqüentemente contribuiu para o aumento do preconceito e para o surgimento da homofobia (SANTOS; ATAÍDE; SILVA, 2013; SILVA et al., 2016). De acordo com Perucchi, Brandão e Vieira (2014, p. 68) “a homofobia pode ser caracterizada como uma atitude hostil a homossexuais, de modo a designar o outro como inferior, anormal, desviante”.

Segundo Silva et al. (2016) a discriminação sofrida pelos homossexuais varia desde os olhares preconceituosos, inferiores e humilhantes, até as agressões verbais, físicas e psicológicas. A pessoa homossexual sente-se impedida de expressar por seus parceiros o mesmo afeto praticado livremente por uma pessoa heterossexual, isto, para evitar agredir a moralidade de uma sociedade heteronormativa que prefere vendar os olhos á enxergar o sofrimento diário enfrentado por um homossexual. Sendo assim, nota-se que existe uma hierarquia na sexualidade, baseada na heteronormatividade, que confere aos heterossexuais um *status* superior e aos homossexuais um lugar marginalizado na sociedade (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Em alguns países a homossexualidade continua sendo considerada um crime passível de condenação e até mesmo pena de morte. No Brasil, embora a homossexualidade não seja considerada crime, a sociedade preconceituosa e intolerante continua a vitimar essas pessoas perante as mais diversas formas de agressão. Além da discriminação vivenciada diariamente

nas ruas, muitos homossexuais encontram preconceitos dentro das próprias famílias. Não são confortados, nem defendidos ou ouvidos e assim, acabam por não poderem expressar com naturalidade seus desejos e suas vontades perante aqueles que a sociedade julga como sendo sua base e seu núcleo protetor (SILVA et al., 2016).

Todas essas conquistas têm contribuído no combate ao preconceito e no modo como algumas pessoas enxergam o fenômeno da homossexualidade, passando pelo menos, a dispor de mais espaços de discussão e aceitação. Na perspectiva das atuais conquistas, desde a conscientização de órgãos da saúde no combate ao preconceito até a fundação de grupos militantes, está o reconhecimento legal da união estável de casais homossexuais (SILVA; MUNHOZ, 2015).

De acordo com Silva et al. (2016) o que era considerado há muito tempo como modelo familiar tradicional (pai, mãe e prole) deu espaço para uma diversidade de modelos familiares, incluindo a família formada por pessoas do mesmo sexo. Em 2012, no Brasil, o Supremo Tribunal Federal (STF) liberou a união estável homoafetiva e o Conselho Nacional de Justiça (CNJ) em 2013 aprovou a resolução Nº 175, de 14 de maio de 2013, a qual determina que todos os cartórios do país celebre o casamento civil entre pessoas do mesmo sexo e converta união estável homoafetiva em casamento.

Porém esse modelo familiar não agrada alguns reacionários e fundamentalistas deputados e senadores brasileiros, que se preocupam em impor as suas crenças e dogmas em relação à sexualidade, ou seja, impor a heteronormatividade. Neste contexto, foi aprovado na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal no dia 24 de setembro de 2015, o discriminatório “Estatuto da Família” que considera família a união única e exclusiva entre um homem e uma mulher, excluindo dessa forma, os múltiplos arranjos que existem na sociedade, principalmente o homoafetivo. Considera-se esse projeto um retrocesso da igualdade dos direitos, nega a realidade contemporânea e, além do mais, é preconceituoso (SILVA et al., 2016, p. 31).

Embora todo o conceito histórico tenha contribuído drasticamente para uma visão estigmatizada e preconceituosa da homossexualidade, os homossexuais vêm ocupando cada vez mais espaço e conseguindo alcançar os seus direitos através das reivindicações, conquistando aos poucos o reconhecimento, a valorização, o respeito a toda e qualquer forma de expressão de sua sexualidade, para que, pelo menos através da justiça, seja considerada justa sua forma de amor (SILVA et al., 2016).

4.3 A homossexualidade e a família

Para Perucchi; Brandão; Vieira (2014, p. 71):

No que concerne às relações familiares, ainda que, no senso comum se considere que o espaço familiar seja de agregação de indivíduos, há nesta agregação a exigência de que a postura de seus membros seja compatível ao modelo hegemônico - tanto na organização e estruturação da família, enquanto instituição social, quanto às condutas de seus membros.

Deste modo, quando um de seus membros se desvia de tais regras, a família, muitas vezes, tenta repreendê-lo e enquadrá-lo novamente às normas, tornando nítido ao sujeito a não atuação da família como defensora, protetora e promotora de saúde ao utilizar de mecanismos violentos voltados para inferiorização das experiências desviantes (PERUCCHI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

Segundo Silva; Nascimento e Nascimento (2016) algumas famílias enxergam a homossexualidade como um “comportamento desviante” e com isso passam apenas a tolerá-la quando descoberta e não a reconhecê-la como paralela a heterossexualidade, tratando os homossexuais como seres inferiores na estrutura familiar. As manifestações de discriminação dentro deste contexto se manifestam desde “piadinhas inocentes” até graves agressões físicas e verbais, que frequentemente ocasionam em exclusão ou expulsão do contexto familiar.

Para Costantin (2011), o padrão heteronormativo determinado pela sociedade e pela cultura, é o que faz com que os pais de indivíduos homossexuais reajam de tais formas ao se depararem com a homossexualidade do filho. Antes, quando a homossexualidade era considerada um fenômeno isolado, a repressão e a negação era prejuízo arcado pelo próprio homossexual. Mas a partir do momento que o indivíduo decide assumir publicamente sua sexualidade, a família é obrigada a encarar essa realidade, pois não há escolha quanto à orientação do filho, buscando conviver com essa realidade tão frequente, reduzindo a intolerância e consequentemente a homofobia social e familiar.

A heteronormatividade como regra a ser seguida no seio familiar opera a partir da crença de que os filhos devem seguir um estilo de vida e experiências referentes à heterossexualidade, como: casarem, terem filhos, serem avós. Na maioria das vezes, ao notarem um comportamento diferente do qual julgam normal, os pais preferem criar a ilusão de que o filho/a está vivenciando uma passagem para a heterossexualidade, o que se torna ainda mais difícil para eles e em particular, para os filhos (MOREIRA; DÓCOLAS, 1999).

Em algumas situações, ouvimos que os pais são os primeiros a perceberem a homossexualidade dos filhos, no entanto, os últimos a aceitarem. Essa afirmação não encontra-se distante da realidade, pois são os pais que acompanham todo o processo de socialização dos seus filhos e são eles mesmos que imprimem as primeiras proibições e determinam o tipo ideal de performance de gênero a ser seguida (SOLIVA, 2010).

Desde a descoberta da gravidez os pais idealizam e sonham em como será esse filho ou essa filha. O território de gênero é pré-estabelecido antes mesmo do filho nascer, a partir da separação das cores de menino e de menina, de brinquedos específicos para cada sexo e tipo de roupinha diferenciada, atribuindo à criança a condição de feminilidade ou masculinidade de acordo com cada sexo. A homossexualidade então é vista nestes casos como um desvio ou uma traição do filho tão idealizado (SILVA; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2016).

Soliva (2010) afirma que a homossexualidade ao ser descoberta pelos pais acompanha-se de graves tensões capazes de desestruturar todo o ambiente familiar. As dúvidas e incertezas que cercam o homossexual provocam atitudes deliberadas que acabam por ocasionar essa descoberta, seja de forma intencional ou não. Isso pode acontecer devido à necessidade de dividir com os pais um problema que precisa ser compartilhado. Contudo, esse compartilhamento pode não corresponder com as expectativas esperadas por esses jovens, o que contribui para o aumento das tensões vivências na esfera familiar.

Já para Costantin (2011) a maioria dos homossexuais não consegue lidar com a própria descoberta da homossexualidade mediante o preconceito social presente nas atitudes familiares, com isso, reprimem seus impulsos e escondem sua orientação sexual, sentindo-se inseguros para conversarem e compartilharem com os pais um assunto tão marcado de discriminação e preconceito, o que torna a relação entre eles cada vez mais tensa, mesmo que na maioria das vezes os pais desconheçam os verdadeiros motivos.

Perucchi; Brandão e Vieira (2014) constatam que mesmo que a violência dentro do âmbito familiar não culmine com a expulsão do jovem homossexual da casa dos pais, ela agrava o cotidiano, dando espaço a situações de humilhações e constantes discriminações paralelas a posições privilegiadas de parentes heterossexuais.

Essa vivência familiar traumática é deflagrada na maioria das vezes devido à ruptura das expectativas e dos projetos dos pais após a descoberta de uma sexualidade não normativa em seus filhos, sendo essa violência capaz de gerar danos emocionais irreversíveis que se arrastarão por toda a vida do jovem homossexual, no qual sua subjetividade será profundamente marcada, assim como suas formas de inserção social (SOLIVA, 2010).

Neste sentido, Toledo e Teixeira Filho (2013) expõe que a subjetividade dos sujeitos está interligada à necessidade de reconhecimento e aceitação por parte da família a partir da idealização de um vínculo estruturador baseado no amor que a constitui. Deste modo, a rejeição por parte da família do homossexual, desconfigura toda essa idealização de aconchego e acolhimento gerando inúmeros sofrimentos ao mesmo.

O sofrimento vivido por esses jovens são marcados por episódios de desprezo e marginalização por parte de seus familiares, que buscam estratégias de valorização da heterossexualidade em detrimento da homossexualidade utilizando desse mecanismo como forma de controle e exclusão, com isso, o homossexual passa a ser visto como estranho e incompatível no contexto familiar. Diante dessas situações, os jovens homossexuais acarretam efeitos negativos significativos que afetam principalmente sua saúde mental (SILVA; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2016; PERUCCI; BRANDÃO; VIEIRA, 2014).

A violência psicológica aparece como um dos tipos de violência mais marcante dentro do ambiente familiar, pois pode provocar situações de solidão profunda e intenso sofrimento psíquico, expondo o jovem homossexual a situações preocupantes de vulnerabilidade como: uso de drogas, alcoolismo e depressão. Esse tipo de violência também contribui para o sentimento de auto rejeição que leva ao isolamento social e, por conseguinte, a casos mais extremos, a exemplo do suicídio (SOLIVA, 2010).

Para os filhos isso é terrível! Na maioria dos casos eles se preparam durante anos para se revelarem aos pais. Sofrem, porque não gostariam de magoar seus pais; sentem medo de ser rejeitados, de perder o amor deles [...] Quando, aliviados, pensam que poderão viver como eles mesmos, e, principalmente, que serão amados por eles mesmos, chocam-se com essa parede gelada e hipócrita de silêncio (MODESTO, 2008, p.115).

Costantin (2011, p. 2) acredita que,

Do mesmo modo que o homossexual, seja do sexo masculino ou feminino, luta com a dúvida, a vergonha e o medo, antes de se abrir com seus pais, estes, por sua vez, lutam com os códigos de conduta recebidos da família, da religião, da convivência em comunidade e que devem ser vividos como verdades naturais inquestionáveis. Como é o caso das ideias preconcebidas de que os filhos e filhas devem ser preparados para a união heterossexual, monogâmica e protegida pelo matrimônio e pela procriação.

Alguns autores como Silva; Nascimento; Nascimento (2016) apontam que os pais vêm seus filhos como seu espelho e seu “cartão de visita” de modo a refletirem seus valores, posturas e comportamentos. Tendo então, a heterossexualidade como padrão normativo, entendida e construída como natural, esses pais podem se culpabilizarem pela então homossexualidade declarada do filho.

Essa culpabilização pode ser justificada pelo despreparo emocional, por acreditarem que erraram na criação do/a filho/a ou até mesmo por não terem percebido sua homossexualidade antes. Posteriormente, surgem diversas outras fases, como a fase da perda/luto, a fase do medo, da vergonha, da negação, da conformação e por fim, a aceitação, vista como uma vitória para os homossexuais (COSTANTIN, 2011).

5 Percurso Metodológico



5.1 Abordagem e tipo de pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa do tipo descritiva, exploratória. A pesquisa qualitativa corresponde à compreensão de questões muito particulares que não necessitam de métodos e técnicas estatísticas para sua interpretação, sendo o processo e seu significado vistos como o foco principal de seu resultado (MINAYO, 2010; KAUARK, MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

O objetivo principal das pesquisas descritivas é descrever as características de um fenômeno ou de uma determinada população, ou então, promover relações entre determinadas variáveis. Pode-se ainda, utilizar-se de técnicas de coletas de dados, a exemplo de questionários e observação sistemática. Já as pesquisas exploratórias promovem maior familiaridade com a problemática, a fim de torná-la mais explícita ou constituir hipóteses, tendo como objetivo primordial o aprimoramento de ideias (GIL, 2008).

A escolha desse tipo de pesquisa foi estabelecida a partir da concepção de que a mesma possibilita um espaço de interação entre o pesquisador e os colaboradores, o qual propicia um melhor entendimento da realidade e conseqüentemente a construção de novos conhecimentos a respeito da temática em que a pesquisa está envolvida. A pesquisa está respaldada pelo método de História Oral, que segundo Matos e Senna (2011), pode acrescentar a esse tipo de pesquisa uma dimensão viva, a qual possibilita novas visões e perspectivas, centrando-se na memória humana e na sua capacidade de lembrar o passado enquanto testemunha do vivido.

Este método pode ser realizado através do relato verbal com o auxílio de um gravador durante a realização de uma entrevista. A partir dessa entrevista, as pessoas entrevistadas relatam uma série de experiências pessoais, bem como, acontecimentos que marcaram sua trajetória de vida. Dentro da História Oral, têm-se a História Oral Temática, utilizada nessa pesquisa, a qual ocorre baseada em um tema pré-definido pelo entrevistador. É necessário então, que o entrevistador possua conhecimento a respeito do assunto, para melhor compreender os relatos das experiências vivenciadas pelos colaboradores (MEIHY; HOLANDA, 2011).

5.2 Local da pesquisa

O local escolhido para realização da pesquisa foi um Grupo de Apoio intitulado: “GLOS – Grupo pela Livre Orientação Sexual”, situado na Cidade de Cuité, Curimataú

Paraibano. A cidade conta com aproximadamente 19.978 mil habitantes, conforme Censo realizado no ano de 2010 e está localizada à 235 km da Capital do Estado, João Pessoa.

O “GLOS” funciona como uma rede de apoio (ainda não institucionalizada) aos homossexuais. Existente desde 14 de maio de 2013, o grupo proporciona aos seus integrantes um ambiente de aceitação e acolhimento. Há em média, cerca de 20 pessoas associadas, dentre participantes ativos com maioria de homossexuais homens, e, apoiadores da causa. Para realização dos encontros e reuniões, o grupo ainda não possui uma sede específica para sua implantação, sendo assim, os encontros ocorrem na casa de um dos membros, os quais acontecem bimestralmente para discussões de acontecimentos voltados a causa, bem como, possíveis realizações de eventos que ampliem as discussões a respeito da temática.

5.3 Colaboradores do estudo

A comunidade destino é aquela em que todas as pessoas têm características similares. Desse modo, a deste estudo foi composta pelos homossexuais que vivem na cidade de Cuité. A colônia foi formada apenas pelos homossexuais que eram vinculados ao grupo GLOS e a rede de colaboradores foi formada por sete homossexuais homens, com idade superior a 18 anos e que aceitaram participar da pesquisa livremente, assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A rede foi formada a partir da primeira entrevista, a qual indicou os demais colaboradores. Os que não aceitaram participar ou que não se encontravam no local da pesquisa foram tidos como recusa e perda, respectivamente. O perfil dos colaboradores encontra-se caracterizado na FIGURA 1.

5.4 Coleta e ANÁLISE do MATERIAL

Para realização do estudo foi utilizado o método de História Oral temática a partir de relatos das histórias dos colaboradores. Foram utilizadas questões norteadoras para realização da entrevista, cujas etapas foram: pré-entrevista, entrevista, pós-entrevista.

A etapa da pré-entrevista aconteceu com a apresentação e o convite realizado aos homossexuais para participarem da entrevista, bem como, sua identificação como colaboradores, por meio da criação de pseudônimos. Em seguida, foram realizadas algumas perguntas a respeito da temática e os entrevistados informados e assegurados sobre o anonimato da pesquisa. Para que houvesse o primeiro contato entre os colaboradores e a pesquisadora, aconteceu um encontro com os associados do Grupo, para então, ser

apresentado o referido projeto. Neste primeiro contato, a pesquisadora teve a oportunidade de apresentar-se aos colaboradores, bem como, conhece-los em suas particularidades.

A entrevista propriamente dita iniciou-se com a apresentação do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), o qual assegura os colaboradores sobre os seus direitos. Ao assinarem o TCLE, a entrevista foi iniciada com o auxílio das seguintes questões de corte:

Em que momento da vida você descobriu-se homossexual?

O que mudou após a revelação da sua homossexualidade para sua família e para sociedade?

Sua família influencia na sua vivência da homossexualidade?

Quais as maiores dificuldades que você enquanto homossexual teve que enfrentar dentro e fora do seio familiar?

✚ Como e onde você encontrou apoio para superar os preconceitos familiares e sociais?

No momento de pós-entrevista, foi informado aos colaboradores como ocorreriam às etapas da pesquisa e que posteriormente, os mesmos teriam acesso as suas histórias já finalizadas. Para isso, foi necessário um novo encontro entre a entrevistadora e os colaboradores.

Após a realização da entrevista todos os relatos orais obtidos a partir das gravações foram contextualizados. Neste sentido, o material foi transcrito do oral para o escrito obedecendo à sequência de fases descritas por Meihy e Holanda (2011):

Fase 1 - Transcrição: após a escuta minuciosa do material, ocorreu a transcrição absoluta de todo o relato gravado, mantendo perguntas, respostas e demais sons produzidos pelo entrevistado. Fase 2 – Textualização: o texto passou a ser exclusivo do colaborador. Todas as perguntas foram eliminadas, bem como, erros gramaticais e sons transcritos. A partir da textualização, escolheu-se o tom vital, que foi a frase que mais chamou atenção da entrevistadora, sendo utilizada na introdução de cada história. Fase 3 – Transcrição: etapa na qual a pesquisadora atuou na recriação do texto de maneira mais ampla, retirando ou invertendo parágrafos e acrescentado palavras de continuação. Fase 4 – Conferência: a história já finalizada foi disponibilizada para cada entrevistado, possibilitando o acréscimo de alguma informação ou a retirada de alguma parte que o mesmo não deseje que conste na história, para então, dar sua aprovação final.

A análise do material contou com a elaboração de eixos temáticos criados a partir dos objetivos da pesquisa e da reunião de temas emergentes das narrativas, respaldados pela literatura vigente. Assim foram construídos os seguintes eixos temáticos: 1) *Entre a opressão*

e a liberdade: as dores e superação em face da revelação da homossexualidade dentro do contexto familiar, e; 2) Redes de apoio e estratégias de enfrentamento: o que se encontra no fim do arco-íris?.

5.5 Considerações éticas

Para a realização do estudo foram obedecidos os critérios estabelecidos pela Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) os quais norteiam as pesquisas com seres humanos, sendo aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa sob número do Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 62646716.6.0000.5182.

Os objetivos do estudo foram informados aos colaboradores ainda no primeiro encontro durante o convite para participarem da pesquisa. Após isso, os colaboradores foram assegurados que o anonimato, o sigilo e a desistência da colaboração, estão garantidos pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) fornecido durante a entrevista (ANEXO A), sendo disponibilizado, uma via para o colaborador e outra via com o pesquisador. Para garantir o anonimato dos colaboradores, foram utilizados codinomes representados pelas cores da bandeira da luta contra a homofobia.

A bandeira foi criada em 1977, pelo artista plástico Gilbert Baker. Inicialmente possuía oito cores (roxo, azul, verde, amarelo, laranja, vermelho, rosa e azul turquesa), mas atualmente é composta por apenas seis. As cores rosa e azul turquesa foram retiradas da bandeira devido à dificuldade de impressão em grande escala. A ideia por trás das cores é a diversidade na qual cada cor possui seu significado e foi a partir destes, que os colaboradores escolheram seus codinomes, utilizando-se ainda, de uma das cores da bandeira original (azul turquesa).

QUADRO 1 – Caracterização do perfil dos colaboradores.

CODINOME	IDADE	ESTADO CIVIL	RELIGIÃO	NÍVEL EUCACIONAL	MEMBRO DO GRUPO (ANO)
LILÁS	30	Solteira	Católica	Ensino Médio Completo	2013
LARANJA	46	Solteiro	Católico	Ensino Médio Completo	2013
VERMELHO	45	Solteiro	Católico	Ensino Médio Completo	2013
AZUL	31	Solteiro	Católico	Ensino Médio Completo	2013

VERDE	26	Estável	Católico	Superior Incompleto	2013
AMARELO	30	Estável	Católico	Ensino Médio Incompleto	2013
AZUL TURQUESA	42	Solteiro	Católico	Superior Completo	2013

Fonte: Dados da pesquisa, 2017.

6 *Histórias de vida*



LILÁS

Natural da cidade de Cuité/PB, tem 30 anos, começou a trabalhar muito cedo para conquistar sua independência. Saiu de casa ao completar sua maioridade em busca da concretização de seus sonhos. Concluiu o ensino médio, é católica praticante, é satisfeita com sua profissão e atualmente encontra-se morando sozinha.

A entrevista aconteceu em seu ambiente de trabalho, local onde hoje sente-se honrada e realizada. Sempre muito sorridente, esbanjava bom humor e orgulho pelo que hoje se tornou. Frequentou as reuniões do Grupo desde sua fundação e acredita fortemente no poder que o Grupo tem para mudar e ajudar a vida da nova geração.

...e graças a Deus, VENCI!

Na minha infância eu fui uma criança normal, como todas as outras. Fiz toda trajetória, foi tudo normal [...]. Brinquei, como toda criança normal brinca, só que.. eu acho que já percebia que eu já era diferente. Em termos assim, de infância e brincadeira.. Foi tudo normal. É por isso que eu sou tão esclarecida, bem resolvida, porque fiz tudo que uma criança normal faz.

Mas acho que os olhares, já eram diferentes pra os meninos. Às vezes terminava passando despercebido, criança né? Então fui uma criança tranquila, graças a Deus! Acho que desde o início que eu sempre soube.. Mas acho que a partir dos quinze, comecei a perceber que não gostava de menina, eu já percebia o meu lado feminino. Graças a Deus toda vida nunca fui de muita opinião, eu era o que eu queria ser e pronto! O que queria fazer, eu ia, nunca pedia opinião a ninguém, se eles iam achar bom ou deixava de achar bom, eu era eu e pronto! Nesse ponto eu fui bem resolvida.

No início não é muito fácil, é muita coisa... Já veio irmão passando em cara o preconceito.. Começaram as brigas em casa, com meu irmão pegando no meu pé, porque comecei a me envolver com um grupo de quadrilha junina e lá tinham uns meninos que já eram homossexuais... Então começou aquela perseguição, aquela cobrança: - “ah, fulano é gay, fulano num sei o que, pois então você é, você só anda com fulano que ele é gay, então você é!”.

Não vou dizer que não existem influências, mas assim, a gente só faz uma coisa quando já tem vontade, não adianta. Existir, existe muito, agora tem muita gente que tem uma mentalidade muito.. não sei como é que eu posso dizer.. que se leva muito pelo impulso, entendeu? Às vezes se empolga demais, aí nesse ponto, acho que às vezes um empurrãozinho, você sabe que vai. Se você tiver uma mente fraca e uma pessoa só martelando naquela tecla: - “não mulher, faz isso, uma ‘vezinha’ só, não mata não”.. isso aí existe, mas eu não, por influência não, isso só quando a pessoa já tem vontade.

Então começou essa cobrança e chegou um tempo que eu falei: - “ahhh, eu sou”.. Minha mãe chegou pra mim e disse: - “você parece que é gay”, eu disse: - “sou”! Mas eu sempre dizia a minha mãe: ‘enquanto eu for de menor, eu to em casa, mas a partir do momento que eu fizer minha maioridade, saio de casa’, mas sempre fui tranquilo. Eu só sofri mesmo com o meu irmão que ele era meio preconceituoso, se eu tivesse em um devido local e

ele chegasse, ele não ficava, saía. Mas hoje, graças a Deus, é tudo perfeito. Ele só me dá raiva, me estressa, porque sou a irmã boa, e ele se aproveita da minha boa vontade. Mas eu amo ele e ele me ama. Tudo perfeito graças a Deus!

Mas no início, acho que tudo é difícil! A cobrança em casa e assim.. sou de uma família muito simples, muito humilde. A gente não era uma família que tinha ‘condição’, eu venho de uma família simples, minha mãe é uma guerreira, batalhadora. Quando minha mãe se envolveu com meu pai, ele já era bem mais velho. Então não vou dizer que tive uma educação de pai, não! Minha educação foi minha mãe que me deu, porque meu pai já era um senhor de idade e assim... ela era pai e mãe, porque meu pai era doente e ela foi tudo. Foi quem passou educação pra gente, quem cobrava, tudo era ela..

Por meu pai já ser de idade, quando eu comecei a optar né, a me descobrir realmente, ele já nem entendia muito nada. Não sofri por isso, porque ele não sabia mais de nada, não percebia, por conta da idade mesmo, então não sofri muito com ele por conta disso. Mas queira ou não, meus pais, que são um povo mais antigo, com a mente menor, a aceitação é um pouquinho mais difícil, tem mais preconceito. Sofri, como digo, não é fácil, porque como manda a natureza, toda mãe quer um filho pra casar, quer uma filha pra casar, ter filhos.. Não é fácil, mas hoje eu sou o alicerce da minha família, graças a Deus, minha família é à base de tudo!

Eu tinha um amigo que também fez parte desse processo.. Meu grande amigo SOL.. ele já percebia que eu era... Ela é a minha melhor amiga! Inclusive é o que ainda admito optar, e dar opinião, ou dizer: ‘não, você tá errada nesse ponto’!...Ela é a única que eu ainda aceito, paro, escuto, porque ela é muito sincera comigo, tem o maior amor do mundo por mim, nós somos irmãos. A gente, toda vida, se identificou muito, sofremos juntas, mas eu sempre dizia a ela: “mulher, eu vou vencer, eu vou vencer!” e ela sempre me apoiando, sempre do meu lado e acreditando.. e graças a Deus, VENCI!

Porque assim, quando saí de casa, eu já trabalhava. Lá, graças a Deus, eu já adquiri esse conhecimento e esse respeito. A sociedade, toda vida, já me respeitava muito e outra, eu também impus respeito, independente de qualquer coisa, de opção sexual, eu era uma profissional, todo mundo tinha que me respeitar pela profissional que eu sou.

Aos quinze anos já comecei deixando os cabelos crescerem, então foram percebendo meus cabelos crescendo e eu ficando feminina, e o povo dizendo: “ai, ta ficando parecida com uma menina”. Acho que ai fui despertando. Quando cheguei aos dezessete/dezoito anos, conheci uma amiga minha em Picuí que ela é trans. Ela é travesti. E ai eu achei o máximo, né? Entrei em contato com ela e disse: - “Mulher, eu tenho.. eu tenho vontade.. de mudar.. meu corpo, fazer aplicação de silicone”.. Ela disse: - “não mulher, a gente faz, eu te dou os contatos”, ela me passou os contatos e foi quando eu comecei, com dezenove anos.

Eu também tinha uma cliente mastologista e falei a ela que eu tinha vontade: - “mulher, to com vontade de fazer implante das próteses”, dai ela disse: - “faça o seguinte, vá pra meu consultório, que eu to trabalhando com um cirurgião plástico. Na sexta feira você chega lá de 08h da manhã que você faz uma consulta com ele”. Ai sai bem caladinha, e me mandei pra Campina Grande.

Cheguei lá, fiz a consulta e depois fiz a avaliação, dai perguntei se dava pra fazer um implante de próteses e o cirurgião disse: ‘Eu preferia que você voltasse e tomasse hormônio, pra ter mais pele, pele suficiente’.. ai eu disse: “Sim doutor, mas se eu quiser colocar, tem como?” Ai ele disse: ‘Tem! Com certeza a gente coloca’. Pronto! Sai da consulta e vim embora. Na segunda-feira liguei pra o consultório de novo e já marquei a cirurgia, na outra sexta eu já estava cirurgiada. Cheguei a tomar o hormônio, mas como nunca fiz peito ou pele com hormônio, optei logo pela prótese, entendeu? Fiz logo a cirurgia, em quinze dias já tava de peito, já tinha colocado as próteses, e supersatisfeita!

Logo quando decidi e resolvi colocar as próteses, comecei a me transvestir, eu disse a minha mãe que ia colocar a mama... só que ela, toda vida, foi contra, ela nunca foi a favor. Então saí bem caladinha e fiz a cirurgia, coloquei a mama. Quando cheguei.. do jeito que ela tava, de costas, ela olhou e disse alguma coisa e da porta mesmo eu só fiz voltar. Depois ela começou a aceitar, ela sabe do meu caráter, da pessoa que eu sou.

Mas minha mãe ainda me chama pelo meu nome de batismo, ave Maria! Meu nome é ESTRELA e pronto! Ela não batizou nem o Lilás, é ESTRELA o meu nome! Mas não mudei ainda por descuido mesmo. Mas pretendo, assim, porque sou uma pessoa muito acomodada, me acho acomodada às vezes, de tanto trabalhar! Acho assim, que vai ser um perca de muito tempo, porque não é do dia pra noite, entendeu? Tem que entrar com processo, lá vai aquele tempo, ter que ir atrás.. vai atrás de uma coisa, vai atrás de outra, leva muito tempo, você sabe, né? E a vida da gente numa correria, vivo numa correria, trabalhando igual uma louca.

Mas é só questão de descuido mesmo, porque tenho um amigo promotor, que disse: 'vai Lilás, vai lá que eu mudo na hora seu nome, se você quiser caso e tudo com você, já faço até o casamento' (nesse momento soltou uma gargalhada). Mas pelo nome de batismo, só aceito minha mãe chamando...Dela aceito qualquer coisa.. mas de outra pessoa, não!! Tem até uma pessoa que... trabalha comigo... Que me chama muito pelo meu nome, e eu corrijo! De vez enquanto corrijo! Eu corrijo! Hoje, eu corrijo!!

A partir do momento que consegui minha independência, tudo mudou! Hoje pago minhas contas, tenho minha casa, tenho meu carro, tenho meu emprego, não dependo de ninguém, só tem que aceitar. Tenho uma espiritualidade muito boa, graças a Deus penso muito no futuro e ai, eu fui recorrendo a esses fatores. Toda vida tive meu objetivo, de querer, conseguir as minhas coisas e ai superei tudo. Hoje moro sozinha, mas nunca morei com ninguém, só com meus pais, mas nunca, assim, em termo de relacionamento, nunca cheguei a morar com ninguém.

Eu tive um relacionamento de seis anos! Eu e ele, ninguém mais, ninguém sabia, ninguém tinha certeza. Foram seis anos, mas eu acordei e to numa fase boa. Como eu já disse no início, sou completa, graças a Deus, falta um casamento bom, né? Ganhar na mega sena (risos), eu vou esperar, o prêmio (risos).

"O universo é a minha necessidade!"

Minha mãe não quer, disse que não aceita (risos). Mas acho assim, no dia que aparecer uma pessoa boa, bacana, ela vai aceitar, com certeza! Porque ela quer a minha felicidade. Mas sei que ela tem muito medo, porque infelizmente a gente vive num mundo que tem muito preconceito, tem muita coisa, e às vezes a gente se envolve com uma pessoa e tá se envolvendo com sua morte. Tem casos que as pessoas se envolvem por interesse.. e ela tem muito medo disso, entendeu? De outra coisa não, é medo que eu venha a sofrer!

Queira ou não a gente sofre muito preconceito! No Brasil o índice é o maior que tem, depois que começou a acontecer muita coisa, o grupo GLOS passou a ser mais presente.. Porque não é um grupo tão antigo, ficou mais recente agora. Mas eu, já era.. (estalar dos dedos) participante há muito tempo. Já entrei bem resolvida, mas é muito bom agora, no início pra você ter um apoio, entendeu? É muito bom agora pra essa geração mais nova, que tá vindo, já tem onde buscar um apoio.

LARANJA

Natural da cidade de Cuité/PB, tem 46 anos, conseguiu o apoio dos pais e dos irmãos desde muito cedo e acredita que o respeito conquistado na sociedade veio através da sua própria aceitação.

De olhar sereno, sempre muito calmo e satisfeito em relatar suas histórias, transbordava simpatia e afeto pelos seus irmãos. A entrevista aconteceu na residência da entrevistadora. Frequentou as reuniões do Grupo desde sua fundação e acredita que os grupos de amigos são fundamentais para vencer os preconceitos familiares e sociais.

...e a questão da alma já ser.

Tive uma infância normal, como toda criança, lógico que com alguns, tipo assim.. na questão da homossexualidade, com alguns pontos que já me diferenciava..

Assim, nas questões das brincadeiras, das amizades, sempre tive mais amizade com menina. Na questão das próprias brincadeiras, eu brincava tanto com menino, mas eu brincava muito com menina. Apanhei muito por causa disso na minha infância, fui criado aqui, morei aqui até os nove anos de idade, nessa rua aqui e na minha vizinhança tinha muita menina, e eu brincava mais com as meninas e do que com os meninos e quando eu era criança, morava com as minhas tias e sempre gostei de dançar.. essas coisas.. adorava dançar pra elas, e elas achavam aquilo o máximo.

Assim, como toda criança também nessa idade.. você passa por essa questão do bullying, no meu tempo não se chamava assim... passei muito preconceito também, na questão da escola, os meninos pegavam no meu pé porque eu brincava mais com as meninas. Em casa eu tive problema também com a família, por essa questão de eu querer brincar mais com as meninas do que com os meninos e a questão da alma já ser, entendeu? Que acho.. no meu caso, foi uma questão de nascer.. porque o povo fala em opção... não vejo como opção não, vejo uma questão que.. eu já nasci, porque desde criança, desde que me entendo por gente que é assim, que eu sabia que era homossexual, nunca tive essa questão de.. “ah, porque foi influência, ou porque virou, porque brincou..”.

Eu fui embora, passei um tempo fora, meus pais já moravam fora.. e eu fui morar com eles e com quinze anos voltei pra cá, pra Cuité. Quando cheguei aqui encontrei um amigo que já era homossexual e bem mais velho do que eu, e a gente nessa amizade e nessa questão de eu ter me conhecido e já saber o que queria, daí eu fiz amizade com ele. Então assim, eu tinha aí uma referência nele, nada de influência, tinha uma referência. Ia pra casa dele, gostava de conversar com ele, foi onde eu sofri outra questão familiar a respeito disso, pela questão de eu ter me descoberto e andar com os meninos e minha família não entender. Tive que ser mandado embora de novo pra casa dos meus pais, por essa questão. Mas eu tinha quinze anos quando vim realmente descobrir o que eu queria mesmo, até a minha primeira relação foi com quinze anos, foi quando eu vim realmente saber o que queria.

Mas esse meu amigo, o Caetano, acho que ele me ajudou a me descobrir, a realmente ver se era isso. Dentro da minha cabeça eu já sabia o que queria, é tanto que quando voltei, que fui embora e voltei pra casa, eu era de menor, tinha quinze anos na época e pra mim voltar pra Goiás meu tio teve que me levar e nesse tempo que fiquei, as minhas tias falavam

com a minha mãe: - “ah, porque laranja tá dando trabalho, laranja agora só quer andar com gay, laranja isso e aquilo”.. É tanto que quando cheguei em casa, é.. minha mãe disse pra mim o seguinte: - “Oh, voltou? Viva sua vida como você quiser e pronto”. Ai pra mim.. dos quinze anos até hoje..

Nunca tive nenhum problema, nem com meus irmãos... que é uma coisa que quando você é adolescente você briga muito, mas nunca.. a gente nunca teve! Muito pelo contrário, respeito muito, nunca admiti nada, em relacionamentos.. amizades.. em chegar dentro da minha casa e me tratar como a gente se trata numa mesa de um bar... sempre respeitei isso dentro de casa, sempre fiz questão disso.. de não expor. Dentro de casa sou laranja, tenho minha vida, mas também eu nunca levei nada pra casa. Acho que talvez.. talvez tenha sido isso, que até hoje, quando to com algum problema, com alguma coisa, eles sempre perguntam o que é, mas nunca dizem: “é por fulano..? é por isso?”.. não, eles tentam ajudar, mas da maneira deles e eu da minha.

Os relacionamentos que já foram abertos pra eles, eles aceitaram. Até tinha uma certa preocupação nessa questão, em saber quem era. Se é a pessoa certa, principalmente meu irmão. Os irmãos que tenho, eles são mais abertos.. a minha cunhada.. acho que foi quem ajudou muito essa questão de família, foi justamente a minha cunhada, por ela ter uma cabeça mais aberta, acho que ela ajudou muito nessa questão da família aceitar mais, entendeu?

Acho que o fato de me aceitar, de saber o que queria, de mostrar pra sociedade o que eu era, o que nunca neguei... nunca precisei viver dentro de um armário como o povo fala, onde cheguei.. as pessoas com quem me relacionava, sempre souberam que eu era gay, eu nunca precisei, né? No trabalho... em emprego, em relacionamento.. nunca precisei mentir pra ninguém a respeito da minha homossexualidade, então, tudo assim.. a minha vida foi aberta, todo mundo sabia quem eu era, do que gostava, então acho que isso, o fato de eu me aceitar e ter me assumido tão cedo, mudou muito essa questão.. Eu acho que isso influencia sim, também.

Se eu disser pra a você que eu sofri pela questão.. do fato de eu ser homossexual, não.. nada. Sempre tive várias influências, sempre trabalhei, nunca tive problemas em questão de emprego, nunca tive problema em questão de amizade, de convivência com as pessoas, não.. acho que eu não tive nenhum preconceito... nem em casa.. porque geralmente você enfrenta os problemas em casa, né? Eu nunca tive, nunca tive.. nenhum problema, assim que tenha relação.. que tenha sido pelo fato de eu ser homossexual, nunca ouvi isso (gesto referente a pouco) nem do meu pai, nem da minha mãe. Nunca escutei da boca deles uma palavra a respeito da minha homossexualidade. Então eu acho que não tive nenhuma.. tem essas besteiras que você passa na questão da sociedade, né? Você ser chamado de gay.. tem! Mas eu nunca tive nenhum problema, acho que justamente pelo fato de eu já saber realmente o que queria. Eu ter me aceitado logo cedo, acho que foi isso que facilitou.

Preconceito teve, porque sempre tem! Mas não tanto, não. Sempre me relacionei tão bem, acho que a questão de amizade também, que acho que gera essas coisas né? No meio que você convive, as pessoas que você.. eu num tive tanto não. A gente sofre, porque lógico que tem, mas não foi tanto não.

Assim.. agressão.. verbal, já teve. E eu já sofri uma agressão física, mas acho que não foi nem pela questão da homossexualidade, entendeu? Então assim.. na questão não.. pode ter algum relacionamento, pela questão de eu ser homossexual, ser mais.. né? Mas não, num.. num... não direto pelo fato de ser homossexual.

Nunca tive vontade de mudar, nunca tive vontade de.. como se diz.. de se transvestir.. nunca tive. Sempre fui feliz assim, sempre achei.. quem tem a coragem.. como Gal.. eu respeito.. é tanto que eu conheço a história de Gal desde criança, ela é bem mais nova do que eu, mas assim, respeito. Mas pra mim, sou feliz assim, eu não mudaria não. Faria tudo igual,

consertando algumas coisas, mas acho que eu faria.. se fosse pra voltar de novo, queria voltar quem eu sou.. Mas eu sou feliz. Hoje eu moro sozinho, mas morei quase dezessete anos com minha tia, só eu e ela, ai de três anos pra cá, to morando sozinho.

O GLOS a gente fundou, teve algumas coisas e a gente assim, na realidade.. O GLOS não foi uma coisa assim tão presente pra gente.. a gente fundou, teve alguns eventos.. ai tipo.. parou.. sem fazer nada, mas assim.. ajuda.. ajudou.. eu acho assim, a questão de amizades também, tem muitas pessoas que a gente se relaciona que ajuda muito por ser mais velho, por ter outra.. né? Outras convivências.. eu acho que isso.. ajudou..

VERMELHO

Natural da cidade de Cuité/PB, tem 45 anos, trabalhou desde muito cedo ocupando cargos de grandes responsabilidades e conquistando o seu espaço perante a sociedade. Possuía domínio em sua fala, apesar de estar aparentemente nervoso, isso não ofuscou o brilho em seu olhar ao relatar sua trajetória. Decidiu minimizar a opinião dos outros e ir em busca de sua realização pessoal e profissional.

Concluiu o ensino médio, considera-se católico, e é funcionário público. A entrevista aconteceu na residência do colaborador. Frequentou desde o início as reuniões do Grupo, debatendo casos e criando soluções, pois acredita que é preciso compartilhar e dividir saberes com quem não teve as mesmas oportunidades na vida.

...tem horas que você sente, né?

Minha infância foi muito humilde, muito carente! Minha mãe trabalhava de empregada doméstica e era mãe solteira na época e eu ficava mais na casa dos meus avós, então, estudava... porque minha mãe fazia questão que eu estudasse. A tarde ficava com a minha vó, esperando minha mãe voltar pra casa, né? E durante a tarde as brincadeiras eram de uma infância, normal. Eu brincava de tudo, tanto brincava com menino, como com menina, brincava com todo mundo.

Mas a descoberta mesmo eu acho que foi lá depois dos treze anos. Porque quando você é pequeno, você não tem muita noção, né? Você vê, sente atração e tal, mas não tem assim a sexualidade definida.

Minha família... ficava um pouco.. deixa eu ver.. como eles eram muito antigos, eles não comentavam muito, sabe? Você vê uma fala aqui, uma fala 'acolá', mas não falam diretamente. Você percebe quando alguém vem falar e eles vêm lhe falar que lhe defenderam, mas não falam abertamente.

A gente quando era pequeno o pessoal tinha muito apelido chato: "ahh, rosinha, não sei o que", então isso era chato no começo, e eu comecei a trabalhar muito cedo e aí com o trabalho a gente foi.. é.. galgando espaços e foram nos respeitando e ganhando mais espaço. Você vivencia sempre preconceitos das pessoas, mas eu utilizei muito do trabalho pra conseguir o respeito e tentar ignorar essa outra parte, apesar de que tem horas que você sente. Você vê como as pessoas te olham, vê um cochichado, vê uma coisa.. e incomoda, né? Mas eu nunca fiz isso.. é.. nunca maximizei isso, eu deixava pra lá e tentava levar.

Mas agressão não.. Verbal, essas coisas.. uma piada, as vezes numa discussão que você escuta.. mas assim, diretamente de chegar pra me xingar ou pra tentar me espancar.. alguma coisa assim, nunca!

Apesar de eu nunca ter dado muita ênfase.. acho que o pior é preconceito. Porque.. não é fácil você ser apontado, você escutar um 'cochichadinho' ou alguma coisa, mas como disse, eu sempre procurei focar noutra coisa e não dar tanta importância porque eu via que aquilo não me fazia bem, então eu dizia: - "não, eu vou trabalhar, vou conversar, vou respeitar, vou vencer pelo meu trabalho.." e tirei aquilo como pessoas que fossem ignorantes, que não me conheciam e que eu não tinha que dá ênfase aquilo.

Eu sempre fui muito determinado no que eu queria. Então eu tinha o foco de que: - “vou trabalhar, não vou tá precisando pedir as coisas as pessoas e diante do meu trabalho, vou ter as minhas coisas”, e eu sempre foquei nisso.. no meu trabalho, de me tornar independente pra não tá... porque a gente tem uns amigos homossexuais e a gente escutava que os pais falavam: - “além de ser fresco, ainda tá dentro de casa..” então eu sempre queria o meu canto pra ser independente, tá entendendo? Pra não tá sofrendo influências.

Minha mãe só perguntou uma vez se eu era (homossexual)... não lembro nem a idade que foi isso, mas eu disse que era, e também ela não perguntou mais nada, né? Então não conversamos diretamente sobre a homossexualidade. Minha mãe me teve e eu só vi meu pai até quatro anos, ele tinha outra família e quando eu tinha nove anos ele faleceu. E irmãos só por parte de pai, mas eles aceitaram. E os outros parentes eram muito afastados, cada um no seu canto e tudo. Mas eles não, não interferem. E eu também nunca interfeiri em nada da minha família. Eu sempre fui uma pessoa que se tivesse uma confusão dentro de casa.. uma discussão, eu não me metia. Nunca cheguei a opinar, deixava acontecer, eu nunca disse: - “fulano é isso, fulano é aquilo..”. Minha mãe vê, ela sabe que sou homossexual, mas ela não pergunta, não diz nada, as vezes conversa.. acha bacana.. mas também nunca morei com parceiro. Morava com minha mãe e hoje moro sozinho.

Eu gosto de viver a vida.. viver.. vivendo um dia após o outros, sem tá fazendo planos pra o futuro.. gosto de viver dia a dia. Mas faria tudo exatamente igual, com certeza, (risos)..

Quando uma amiga minha foi ser assistente social, a gente já andava por ali, tinha bloco de carnaval e ela chegou um dia pra conversar comigo: - “oh, como você é homossexual, você tem que ser, você tem que se assumir, a gente vai gostar de você da mesma forma, o importante é ser feliz..”.

E eu não acredito de alguém influenciar outro não! Não acredito porque acho que.. é uma coisa que a gente sente, então você não vai forçar alguém a ter um sentimento. Você se descobre, esse sentimento nasce dentro de você, então você não vai pegar uma pessoa e transformar, né? Eu acredito que as relações de amizade elas ajudam a gente a compreender um ao outro, porque você vai.. quando você encontra uma pessoa que é homossexual também, então você vai terminar conversando e você vai descobrindo que tem outras pessoas que são iguais a você e você não é essa diferença no mundo, como muita gente acha.

Acho que essa questão das turmas, dos grupos de amigos, é muito bom né? A gente teve uma turma de amigo muito boa, era eu, rubi, diamante, ai depois veio turquesa que é mais nova e a gente sempre foi muito junto, então a gente sempre conversou muito em grupo, sempre conversou os problemas.. e a gente foi crescendo junto também, né? Eu acho que os amigos foram muito importantes.

O GLOS já foi a gente que teve a iniciativa de fundar.. porque a gente começou a perceber que tem, é.. assim.. como a gente tem estudo e começou a trabalhar muito cedo, a gente teve mais acesso a informação. E como começou alguns casos de agressão, de violência aqui... a Rubi disse: “vamos fazer um grupo, porque ai o que a gente não puder resolver..”, ai já tinha também a ONG na paraíba, a gente fez contato com eles, então iniciou.. Se a gente não podia ajudar diretamente, a gente podia pelo menos fazer um encaminhamento pra um espaço onde possa ajudar os outros, as pessoas que tinham menos informações do que a gente.. porque tem muitos, né? Então acho que começou mais nisso.. a gente começou a ver.. é.. pessoas que estavam sendo.. sendo agredidas, muitas pessoas sem informação. E a gente tinha essa informação, então porque não compartilhar com os colegas que não tem?

A gente teve uma grande carga, assumiu nesses últimos anos agora, funções de secretário, tanto eu quanto Rubi... Então foi uma coisa que exigia muito da gente, trabalhava sábado, principalmente no que se referia a cultura, porque os eventos aconteciam principalmente no final de semana e ai a gente ficou sem muito tempo pra tá debatendo, né?

Quando aparecia um caso de violência, alguma coisa, a gente chegava pra conversar, pra ver o que é que tava acontecendo e acho que os trabalhos dificultou o andamento da ONG.

Uma coisa importante para os homossexuais de Cuité, é que quando o pessoal chega, fala: - “ah, vocês são muito dados, o pessoal todo.. o pessoal respeita vocês..!”.. Mas isso porque Safira quando foi prefeito, acho que em noventa e seis, isso faz uns vinte anos, quando Safira passou a ser prefeito então a gente.. ainda tinha muito aquela: - “ah.. a bichinha, a rosinha..”, então eu fui ser assessor direto de Safira, Rubi foi assumir a direção de recursos humanos no hospital e Diamante foi ser coordenador do Peti, então assim.. a gente assumiu posições perante a sociedade que antes não tinham sido ocupados nem por mulheres, então eram três homossexuais, em cantos de poder no governo né? E você via que tinha gente que chegava e olhava assim, mas pra chegar aonde ela queria tinha que passar por a gente, e isso naquela época.. há vinte anos atrás.. E aí como eu falei, a gente sempre.. tentou respeitar muito e acho que isso foi muito importante! A gente foi chamando e convencendo.. - “chama fulano pra trabalhar.. chama fulano..”, e eu acho que isso foi muito importante na época, a gente assumiu posições em uma cidade com menos de 20 mil habitantes, né?

Você ter homossexual assessor do prefeito, na direção de um hospital, outro coordenando o Peti com cento e tantas crianças... essa postura da gente mudou, a visão de algumas pessoas, porque a gente sabe que não consegue mudar muito, mas muita gente passou a.. deixar de ser aquela bichinha que ia ser cabelereira ou que ia andar na rua.. e assumiu posições frente a sociedade.. e infelizmente as pessoas julgam muito pelas posições, pelos cargos que ocupam, status, esse tipo de coisa..

Acho que isso foi muito importante! Um divisor de águas! Agora é que em outras cidades você ver pessoas homossexuais ocupando cargos, mas há vinte anos atrás era muito incomum você encontrar, a não ser que fosse dentro do armário né? Mas a gente já era todo mundo.. todo mundo já era assumido, todo mundo sabia e a gente ocupou essas posições, eu acho que ajudou a mudar um pouco a consciência..

As vezes quando a gente traz amigos de fora, eles falam: - “ah, mais aqui vocês são muito diferentes, vocês andam com rapazes, os rapazes falam normal com vocês, o povo fala com vocês.. vocês se abraçam.. Cuité é muito diferente..”, mas acho que foi em relação a isso... a essas posições que a gente ocupou logo cedo. A gente não teve que brigar muito pra ter um local de destaque. Então, comparado a outras cidades, eu acredito que sim, que Cuité acolhe sim, e justamente quando a gente vem com pessoas de outras cidades que falam e conversam com a gente e diz: - “aí Cuité é muito diferente, vocês tem uma liberdade que na cidade da gente a gente não tem, vocês tem um tipo de relação de amizade que aqui na nossa cidade a gente não tem”.. gente até que mora em capitais falam essas coisas pra gente...

Eu acho que primeiro.. você tem que ser feliz, viver sua vida, né? Independente da opinião das outras pessoas e que a gente tem que respeitar as outras pessoas para que elas nos respeitem, é um principio fundamental, é a base.. O respeito com todas as pessoas.

AZUL

Natural da cidade de Cuité/PB, tem 31 anos, é católico, concluiu o ensino médio e atualmente é professor. Apesar do sorriso estampado em sua face, o seu olhar não lhe permite negar que falta algo em sua vida. Ao lembrar situações vividas com seu pai sentiu-se emocionado, deixando transparecer a mágoa existente pela não compreensão e pela ausência dele em sua vida. Lutou por seu lugar no mundo, se dispôs desde muito cedo a guerrear e a defender tudo o que acreditava. Há algum tempo trabalha com performance e tem isso como uma forma de refúgio e ao mesmo tempo, como a maneira mais autêntica de enaltecer o seu ego.

A entrevista aconteceu na casa do colaborador, o qual frequentou as reuniões do Grupo desde 2013. Acredita que é fundamental manter o grupo ativo para servir como suporte e ponto de apoio para a classe.

...Até hoje sofro preconceito!

A minha infância foi bem conturbada na verdade, eu já tinha a homossexualidade bastante aflorada, né? E assim, sempre fui uma criança bastante feminina, com desejos pelo lado feminino da coisa. Sofri uma pressão muito grande familiar, a sociedade na verdade levava pela brincadeira da coisa e a minha família não, sempre na repressiva, como se a solução fossem esses maus tratos, essa pressão psicológica, por aí.. mas sempre fui uma criança como sou até hoje, bem pra frente e bastante guerreira.

Eu acredito que muito cedo, acho com nos dez anos, eu já tinha certeza, como falei, eu sempre soube. Eu fui muito sozinho, como eu falei, né? Era uma coisa que era bastante aflorada. não passei pela fase da minha repressão homossexual, de querer ser hetero, ou me comportar como hetero. Como eu já tinha o lado feminino bastante aguçado desde a infância, sem entender toda a logística da coisa, tivesse disposto a enfrentar, mesmo sem compreender..

Uma criança com seis anos de idade, ela não entende direito e nem tem concepção do que é ser um homossexual, eu não passei por isso.. ninguém me perguntou: “você quer ser homossexual? Você quer ser gay? Porque gay, é isso.. é aquilo..”, não! Foi uma coisa que eu não sei explicar, confesso.. é muito recente, é muito novo pra.. ser.. tipo.. opção.. não é opção! Não tem como ser opção!

Eu jamais iria optar por passar por todo essa exclusão, toda essa rejeição, o fato de se retrair a uma vida normal, que eu acho normal pra mim, que foi uma coisa que se construiu.. então eu não ia escolher isso.. era mais fácil eu ser hetero pra ser aceito pela sociedade do que escolher ser gay e enfrentar muralhas, né? Por isso, então não é, não tem.. “ah, eu sou homossexual porque fulano me influenciou ou me apresentou isso”.. não, eu não passei por isso! Uma criança com seis anos de idade não tem concepção disso não.

Foram muitas dificuldades e elas vêm sendo enfrentadas até hoje. Nunca passou e tá bem difícil de passar.. a sociedade, a família, as pessoas.. ainda em pleno século XXI ainda pensam de maneira bastante retrógrada quanto a homossexualidade, e o fato da homofobia

ainda não ser considerado como crime, perante a lei, acho que isso ajuda e facilita bastante, porque tira a nossa defesa, nos torna mais fragilizados e as pessoas se sentem mais no direito de acusar e agredir.

Até hoje sofro preconceito! Da minha família eu não sei se posso julgar como preconceito, é mais aquela coisa de preocupação, de evitar, de querer.. Ter aquele homem certo.. de masculinidade, acho que era mais isso. Mas a sociedade a gente sempre se depara, sempre aborda, é.. Não posso generalizar, porque no meio dessa maioria, posso até citar como maioria, acho que existem pessoas que defende e respeitam, porque eu acredito muito no fato de respeitar, acho que seria mais interessante. Aceitar é uma condição sua, uma opinião sua, você aceita se quiser, agora ser respeitado é um direito meu.

Com meu pai é difícil até hoje! A gente não mantém nenhuma relação, ele desde muito cedo já percebeu os 'trejeitos' e como falei, desde a infância, mesmo sem saber o que eu ia enfrentar, eu já estava disposto a guerrear e ele foi uma pessoa que me repreendeu bastante e até hoje repreende! Sou independente, sou um profissional reconhecido e respeitado na minha cidade, mas ele é muito machista, ignorante e ele não me interpreta e não me vê de forma nenhuma. Isso me deixa triste, muito triste! Todas as experiências com ele.. foram marcantes, todas elas foram pesadas e foram cruéis!

Meu pai já deve ter tido acesso a informações, eu não sei. A gente nunca conversou. Ele é muito grosso, ignorante, é uma pessoa analfabeta, do sítio.. é alcoólatra, então nunca teve diálogo de jeito nenhum.. Mas sempre me aceitei. Quando você é uma pessoa bastante centrada no que você quer e lhe conhece o suficiente você não se fragiliza ao ponto de ser influenciado, tudo foi de muita batalha e muita glória.

Minha mãe ela é maravilhosa, é uma mulher ímpar pra mim! Ela é uma pessoa um pouco despreparada pra conversar, pra entender do assunto, mas tenta a todo momento, a toda hora, suprir todo o amor que o meu pai nunca me deu.

Eu tenho uma artista. Faço uma personagem feminina, que fazem doze anos que vive coladinha comigo e artisticamente, eu recebo ela em grande estilo. Fazem doze anos que eu divido a minha alma com esta mulher, e o mais interessante, é.. que tudo complica... Tudo na vida homossexual.. as escolhas.. depois de toda descoberta, você vai conhecendo outros caminhos, outras coisas.. E esse personagem também me custa muito caro, tanto financeiramente, quanto psicologicamente.. e é mais um empecilho pra sociedade.

Algumas pessoas vêem artisticamente e outras levam para o lado da prostituição, da sedução, da provocação, né? E isso não passa em momento nenhum pela minha cabeça. Eu sou um homem, eu sou gay, mas.. sou um homem, sou Azul, e a mulher que eu tenho vive dentro da minha cabeça, na minha alma quando eu quero usá-la, usá-la pra artisticamente realizar meu ego feminino, usá-la pra sair da minha realidade, geralmente quando eu tô com problemas, quando azul tá muito pra baixo ela sempre vem e nada mais do que isso.. a questão de homem, da prostituição, da sedução.. não vem através dela.

Inicialmente quando eu aderi ao personagem, era muito artístico, você contratava show, evento, e ela só aparecia nesses momentos.. E com o passar do tempo eu acabei usando-a para outras coisas. Eu precisava sair de mim.. de Azul e era um refúgio, sempre foi um refúgio.. é como se naquele momento, depois da transformação, Azul passasse a não existir.. a cabeça é dela, o corpo é dela também, então é uma forma de relaxar, de sair de algum problema ou alguma circunstância que Azul esteja passando..

E minha mãe, ela conseguia aceitar o artista, aquele do show, aquele do evento.. e aquele que saía para curtir, pra se divertir, pra se distrair.. ela tinha medo que uma certa repressiva, as pessoas chegavam elogiando.. - "ahh, Azul tava linda.." e isso não entrava nos ouvidos dela como elogio, sempre ficava.. - "ahh, eu acho que só o artista seria mais interessante..", tipo.. não interpretou bem o fato.. né? Hoje levo uma vida profissional mais aguçada, tenho bastante ocupação, já não faço tanto show, já não faço tanto evento. Isso

tudo custa muito caro, é tudo muito caro, então, quando eu sentia saudade e não tinha aquele show, não tinha aquele contrato.. eu tinha que usá-la, mesmo que não fosse pra sair, se divertir, mas pra recebe-la.

Se bem que dentro dessa rejeição, o meu personagem surgiu em Natal, né? Onde eu morei doze anos e esse personagem surgiu lá, e eu vim pra cá, e interior é muito pacato.. só que eu vim pra cá e o personagem já tava muito intenso em mim, era uma coisa que o ego saltava quando recebia o personagem e eu queria saber como seria pra apresentar o personagem a minha cidade, no interior.. cidade pequena.. Como é que eles iam me ver, como é que iam me ter.. e essa foi uma das piores circunstâncias, pensei em não ter mais, em me separar, em.. não dar certo, em.. vai ter que passar pela pressão, pela rejeição, principalmente dos meus amigos..

Antes de sermos GLOS, nós já erámos amigos.. Orquídea, que é psicólogo, é uma pessoa de personalidade bem oposta da minha, mas a gente conversa bastante e a gente sempre interagiu, nós temos nosso grupo de amigos, homossexuais e que acabamos compartilhando, né? E.. tive medo principalmente dos meus amigos... eles me viam como aberração, como.. “nada a ver”.. e eu queria falar e não conseguia, porque era uma coisa de alma já, era o artista, era o personagem, e eles acabaram vendo também como banalidade, era muito novo pra cá, há uma indiferença muito grande dentro da classe, mas conseguimos muitas vitórias e muitas glórias com o passar do tempo.

O GLOS ajudou a abrir a cabeça, a suportar, a fortalecer essa coisa ai, né? Era sempre bom na verdade mantê-la ativa, só que temos todas uma ocupação e relaxamos devido o corre-corre da vida, mas seria interessante que ela nem tivesse parado, fosse ativa, para que a sociedade soubesse que existe um grupo.. um ponto de apoio, preparado, com pessoas qualificadas e preparadas para defender e para ir atrás dos direitos.

Mas eu.. em cima de altos e baixos, de muita coisa.. na verdade, eu tenho minha vida como muita glória, muita esperança, muita coisa boa.. eu me apego mais as coisas boas pra que elas possam produzir mais.. Eu gosto de uma frase que diz assim: - “viver e não ter a vergonha de ser feliz”...

VERDE

Natural da cidade de Paraíso/PB, reside atualmente na cidade de Cuité com seu companheiro, tem 26 anos, e possui curso superior incompleto.

Passou por fases de não aceitação, tentou fugir de si, se renegar.. mas hoje acredita que o melhor a se fazer é se libertar e ser você. Tem uma voz marcante e um olhar afetivo, transmite boas energias e apesar de sua timidez, sentiu-se a vontade durante toda entrevista. A entrevista aconteceu em sua residência. Acredita que o Grupo deveria continuar para informar os direitos dessa população.

...isso acabou me frustrando.

A minha infância foi bem tranquila com meus pais, meu pai, minha mãe e meu irmão. Sou natural de Paraíso e nunca passei por, tipo, algum constrangimento, nem por nada, foi uma infância tranquila em questão de homossexualidade, até então é uma coisa que veio me despertar bem depois, não sei se era aquela questão da não aceitação, mas pelo menos enquanto infância.. Eu acho também que é porque naquela época não existia tanto essa coisa de internet, a gente era mais aquelas brincadeiras de rua, aí eu nunca apelei tanto para sexualidade na questão da infância, eu posso dizer que foi uma infância mais sadia e sem nenhum complexo, de por exemplo, se eu seria gay ou não. Foi uma infância normal!

Tive duas namoradas, dois relacionamentos até bem sério, e até a adolescência eu ficava com aquela não aceitação, eu acho que até os dezessete anos, eu sentia aquela coisa, mas não era uma coisa que eu queira, então eu tentava negar de todas as formas, então por isso eu arrumei namorada, inclusive pra uma delas eu até falei a verdade, porque era uma pessoa bem próxima a mim, uma amiga, e ela disse que queria me ajudar por gostar muito de mim.

Ela quis colocar o relacionamento pra frente, mesmo eu tendo dito pra ela que não era o que queria, só que isso depois de relutar muito, aquela batalha, eu acho que na mente da gente fica aquela batalha, fica aquela não aceitação, mas se eu for dizer assim, concreto uma idade que eu disse: - “não, eu sou homossexual”, foi dentro dos dezoito para aos dezenove anos, uma idade bem tarde, mas assim, que eu possa dizer que eu tive a certeza, que eu disse assim: - “eu sou..”, porque até então, antes disso, a gente tem aquela atração, aquela coisa.. mas a gente tenta fugir de toda forma, tenta se relacionar com menina, ficar com menina, acaba curtindo ali aquele momento, mas uma hora você chega e diz: - “não é o que eu quero”!

Principalmente nesse conflito entre os dezessete anos, foi a minha pior fase. Tentei de todas as formas dizer: - “não, não é isso, não tem condições.. não é..”, até porque eu sempre fui bem namorado na minha cidade e era uma coisa que eu não queria, não queria! Então foi uma negação muito grande, principalmente assim, entre os dezessete, dezoito anos, até a aceitação.

Lembro que contei primeiro ao meu melhor amigo. Ele me deu total apoio e disse que independente de qualquer coisa a gente era amigo e me aconselhou, enfim.

Em relação a minha família, eu tenho uma tia que é lésbica, ela não mora na cidade.. e eu acho que isso facilitou um pouco, pelo fato de eu já ter uma tia e dentro da minha casa teve aquele baque no começo, que é bem complicado, eu falei pra minha mãe, eu tive que falar na verdade, porque era um assunto que já tava tomando grandes proporções na minha cidade, então ou eu contava ou alguém contava pra ela e eu preferi dizer.

As maiores dificuldades foi, eu não digo nem assim: - “a aceitação da família..”, porque graças a Deus foi uma coisa até.. podemos dizer, tranquila, na medida do possível, mas aí a parte mais difícil, eu acho que é chegar e contar, na verdade.. Eu acho que a pior parte é essa, eu acho que muitos até preferem, de propósito ser descoberto, porque quando é descoberto é mais fácil, mas já contar é muito difícil, e no meu caso eu tive que contar.

Então eu disse e teve aquela conversa, minha mãe querendo não aceitar, porque eu era bem, digamos assim, namorador, como já disse, tive duas namoradas, minha mãe era muito próxima das duas e eu sempre tava tendo relacionamentos, mesmo não estando namorando, sempre tinha uma menina ou outra frequentando lá em casa, então foi um baque!

Meus amigos sempre disseram que eu nunca dei pinta, assim, quando eu era pequeno nunca demonstrei nada, tive namoradas, essas coisas, aí eu acho que a surpresa é maior, porque quando você é, digamos assim, afeminado desde pequeno, que muitos tem aqueles trejeitos, é feminino, gosta de brincar de boneca, brincar mais com menina, aí os pais já ficam com aquela coisa, meio que desconfiando, não perguntam, mas desconfiam e quando você não tem nenhum tipo de trejeito, o baque é bem maior, então foi uma surpresa muito grande, tanto pra minha mãe quanto pra meu pai.

Em relação ao meu pai foi ela quem contou, porque o relacionamento que eu tenho com ele, é uma coisa meio que afastada, com minha mãe não, eu tenho de conversar, rir, brincar, contar o que for, conversar normal, já com meu pai foi uma coisa que eu acho que eu fui me afastando dele na minha adolescência, porque era tipo aquela coisa, eu sempre fui muito tímido, sempre fui muito na minha e meu pai sempre foi muito brincalhão e as vezes as brincadeiras dele me constrangiam, e assim, eu tava começando a me descobrir e as vezes ele vinha com uma brincadeira, não relacionado a isso, mas por ser muito brincalhão, isso acabou me frustrando e me afastando um pouco.

Então, eu não contei pra ele, quem contou foi minha mãe quando eu falei pra ela. Aí vim aqui pra cuité, e quando eu voltei ela já tinha dito, ele chegou pra mim e conversou, em momento algum me ameaçou, não falou nada, ele simplesmente quis me levar pra igreja, porque tem uns casos de pessoas que foram pra igreja, inclusive lá em Picuí, e ele quis me levar, tanto é que ele quis levar minha tia também quando ele soube, mas não teve esse baque assim, esse impedimento, tanto é que meu namorado hoje em dia frequenta minha casa sem nenhum problema.

Mas eles não interferem. Minha mãe sempre pergunta se eu to bem, como é que eu to, pergunta pelo meu companheiro, se ta tudo bem, se ta precisando de alguma coisa.

No começo é difícil, mas agora, quando ele vai lá em casa ela trata ele como um genro normal, já meu pai, assim, a gente não tem contato com muita coisa, a gente fala praticamente o básico, a gente se respeita, mas não aconteceu nada, não tem nada, nenhuma intriga, nem nada, eu acho que foi um afastamento assim, não sei nem te explicar o motivo.

É aquela coisa, ele se preocupa comigo, ele pergunta pra minha mãe como é que eu to, o que é que eu to fazendo, se eu to bem, mas algo entre a gente impede essa comunicação, de tipo chegar e conversar como eu to conversando com você, por exemplo, a gente tem a nossa conversa, eu tomo a benção pra ele, ele me responde ou pergunto alguma coisa ele fala, mas não é um papo igual eu tenho com a minha mãe, só que eu sei que ele se preocupa comigo, ele se preocupou muito quando eu me assumi, a questão do preconceito, porque a primeira coisa que ele pensou, eu acho que por ele ter uma mente um pouco.. meia fechada, eu acho que ele pensou logo assim: - “gay é aquele que se monta..”, eu acho que foi a

primeira coisa que ele pensou, que eu ia me vestir de mulher quando eu me assumi, e foi a preocupação dele por questão de todo preconceito.

Com meu irmão foi parecido, assim, ele tentou de todas as formas dizer que não era aquilo, ele é mais novo, tem 20 anos.. que não era pra acontecer aquilo, que não era o que eu queria, no começo ficou de cara fechada pro meu lado, só que ai ele participou de um evento da igreja, do EJC, e eu acho que aquilo abriu muito a mente dele, toda família escreveu uma cartinha e acho que ele leu essa carta e algo tocou ele, e hoje em dia a gente ta normal, como sempre..

Mas mudou muita coisa e se a gente pudesse dar até um conselho a quem vive, digamos, dentro do armário, eu diria que sair é a melhor coisa, sabe porque? Porque até então você vive uma vida de mentira, você tem que prestar conta a uma sociedade, e porque ou pra que eu deveria prestar conta a uma sociedade? Uma sociedade que não me influi, não me contribui com nada?

Então assim, até então você tem que viver de aparência, você tem que namorar pra agradar pai ou mãe, ou uma sociedade e depois que você se assume, não, você é aquela pessoa.. quem está com você, está com você porque gosta de você e sabe o seu jeito de ser.. porque até então, enquanto você ta dentro do armário, você ta se escondendo, e a maioria das pessoas, muitas vezes sabem ou desconfiam, falam de você, e quando você sai, você não tem que esconder nada, você vive a sua vida do jeito que você quer, e assim, é muito difícil, porque por exemplo, na minha cidade quando foi o meu caso, foi o assunto da cidade, acho que tava na primeira página de todas as rodas de fofoca, mas é uma coisa que passa.. é melhor do que você se manter dentro e as pessoas falando constantemente de você, depois que você sai, tem aquele período, mas depois passa o assunto, não tem mais nem graça (risos).

Mas eu encontrei apoio acho que no meu companheiro e se eu pudesse voltar no tempo... eu deixaria tudo do jeito que foi, porque eu acho que tudo ajudou pra construir quem eu sou hoje, e até facilitou, como eu disse, esses relacionamentos que eu tive, um eu era mais 'adolescentezinho', tava ainda me formando, e o outro já foi esse último, antes de eu começar meus relacionamentos com homens e ela sabia de tudo, então assim.. em momento algum eu usei a minha namorada, ou enganei ela, eu tava tentando mudar uma coisa que eu sabia que não teria como mudar, mas ela tava me ajudando.

Até porque em mim não era aflorado, mas sempre tive aquela dúvida: - "será que eu sou?", tipo, eu pensei isso com onze anos, e como eu te disse, não era nada aflorado.

Porque isso ai já é uma coisa já da gente, não tem como, é a mesma coisa de eu pedir pra um hetero.. - "não, você vai ser gay agora..", é uma questão da pessoa mesmo. Se sou satisfeito com meu corpo? Sou.. é.. Sim, sim, sou.. sou sim.. (risos). Eu já ia dizer: - "não, só uma 'academiazinha'.." (risos), mas não, sou tranquilo.

(companheiro entrou em casa, deu boa tarde seguiu em direção à cozinha e a entrevista continuou normalmente).

Eu costumo dizer assim, que graças a Deus, eu por ser sempre uma pessoa aberta assim com as pessoas, gostar de conversar, brincar com todo mundo, tratar todo mundo bem, independente de qualquer coisa, eu não sofri nenhum tipo de rejeição, todos os meus amigos que eram do meu meio, continuam, tive um pouco de afastamento porque eu vim morar aqui em Cuité, porém, todo mundo é da mesma forma, o mesmo relacionamento que eu tinha com os meus amigos, os amigos que eu tinha por exemplo de chegar e brincar, abraçar, seja o que for.. nenhum se mostrou, é.. nenhum teve alguma represália, por exemplo.. até então chegar e dar um abraço e algum amigo meu dizer assim: - "eita, ele é gay, agora ele se assumiu, agora eu vou evitar..", eu nunca senti esse tipo de preconceito, graças a Deus não.

Eu acho que aquilo que eu falei no começo, né? que a parte mais difícil é aquela coisa de você se assumir, porém é a melhor coisa que tem a se fazer, porque até então, enquanto

você não se assumir, você vai viver uma vida de mentira, você tá escondido, você tá tentando prestar conta a uma sociedade por uma coisa que você não é, e não tem porque você fazer isso, porque a partir do momento que você se assume, primeiramente pra sua família, que é a quem você deve satisfação, né? você começa a viver uma vida bem melhor, porque todo mundo vai lhe aceitar daquela forma que você é, e não aquele que você quer que elas.. que elas querem que você seja..

No entanto, existe sim um grande preconceito, em tudo! Vem diminuindo, sim eu creio que vem diminuindo, graças a questão da gente tentar se impor assim, tipo.. eu tenho um relacionamento, eu saio com ele na rua, a gente fica junto nos cantos, só que a gente não chega, digamos assim, a agredir a sociedade, por exemplo, em questão de beijo, de carícias, de abraços, essas coisas a gente não faz, mas todo mundo sabe que a gente tem um relacionamento, porém, muitos ainda fazem por onde acabar com isso, com esses direitos conquistados, por exemplo, nessa passeatas que tem LGBT, essas coisas... muitos gays tentam impor a homossexualidade de uma forma que agride a sociedade, como foi o caso que aconteceu na última, que eu acho que foi aquela questão do crucifixo, isso aí é uma agressão a sociedade, porque assim, a sociedade tem que aceitar e respeitar, só que isso não é uma coisa que a gente tem que impor de toda forma, ou de toda maneira.

Eu ouvia os comentários sobre o GLOS, mas não fui muito presente, porque não me interessei muito, não é uma coisa que me interesse, na verdade assim, eu não sou daqueles que tipo.. de defender a bandeira, eu sou muito na minha, aí eu tenho minha opinião, minha opção.. mas eu não sou de tá em palestra, em debates, essas coisas.. eu aceitei fazer a entrevista por ser algo particular, por não ter a divulgação de nome, essas coisas.. mas tem muitos que são ativos ainda, então seria uma coisa muito importante continuar com o grupo ativo, porque leva os direitos e leva opinião.

- Determinação!

AMARELO

Natural da cidade de Cuité/PB, tem 30 anos, estudou até o 7º ano e considera-se católico. A entrevista aconteceu em seu ambiente de trabalho após um dia imensamente cansativo.

Apesar do cansaço, foi carismático durante toda a entrevista, mostrou-se a vontade ao relatar sua história e ao contar situações que lhe provocou sorrisos e gargalhadas. Contou seus desafios até chegar onde chegou, suas frustrações e suas saudades. Frequentou as reuniões de grupo desde sua fundação e torce por seu retorno.

... eu me senti sem terra no chão!

Minha infância foi bem normal, normal mesmo. Brinquei muito, brincava sempre de brincadeiras masculinas, de jogar bola, de todas essas brincadeiras de rua que tem no interior, né? de apostar bola de vidro, pião, de tudo isso brinquei.

Tem um amigo que eu acho até que você conhece, foi ele quem eu contei assim, a primeira vez, de fora, assim, que o pessoal perguntava: -“ah amarelo, tu é gay, não sei o que..”, daí ele foi a única pessoa que eu falei primeiro assim.

Ele achou normal (risos), ele disse: -“eu bem que eu sabia que era verdade, eu num falava..” (risos), minha vida é uma comédia se você for olhar. Em casa, a primeira pessoa que eu contei, assim, foi a minha irmã, ela teve um choque de início, mas no fundo, no fundo como ela disse, já sabia. Ah, é engraçado porque é normal pra mim, tudo é normal. Lá em casa foi bem normal quando mainha falou, tocou no assunto ela disse que já sabia, ai painho nem toca no assunto, ele respeita, sai com a gente, senta numa mesa de um bar ou de alguma coisa.. lá em casa senta, almoça todo mundo junto.

Todo mundo me trata, minha família todinha, minhas tias, me trata super carinhoso, é muito bom o tratamentos delas. Aceitam numa boa, e se não aceitam, pra me falar, nunca falaram não, respeitam bastante, desde o inicio, nunca teve problema. Na verdade eu acho que toda mãe sabe, não é? No fundo, no fundo elas sabem, só que ela não chegava pra me perguntar, nem eu sentia a obrigação de dizer. Eu achava tão normal ficar com homem e com mulher, que eu nem ligava. Mas posso dizer que foi com uns dezessete, que eu fiquei, assim, a primeira vez mesmo com um homem e há três anos que eu tenho um relacionamento, masculino. Anteriormente eu ficava com homem, só que eu ficava mais com mulher do que com homem.

Agora mesmo, por exemplo, tudo depois desse relacionamento pra mim é tudo novidade. De chegar, apresentar ele como meu namorado, de apresentar a família como meu namorado, de ter uma vida. E olhe que eu namorei com muitas mulheres também, apresentava normal. Foi quando eu me apaixonei por essa pessoa que eu to e só há três anos atrás, né?

Já ficava com homem, com mulher.. com homem entre aspas, porque eu nunca gostei de ficar com esses menininhos que geralmente os homossexuais ficam só por ficar, né? não,

sempre eu gostei de ter um relacionamento, de ficar com uma pessoa que gostasse mesmo de ficar com outro homem, eu gosto de gay mesmo, entende?

Ah, acho que eu me apaixono por pessoas, eu não tenho esse negócio de ser homem ou ser mulher, hoje eu to nesse relacionamento com um rapaz, mas foi porque eu me apaixonei pela pessoa dele, como eu não tinha me apaixonado ainda por ninguém, eu ficava naturalmente, sentia atração por ambos os sexos e inclusive, tenho um filho de nove anos. Ótimo, maravilhoso. É uma criança né? eu ainda não falei nada a ele, porque eu acho que é confundir muito a cabeça dele, mas ele convive comigo, convive com meu companheiro, e ele se dar super, super bem. Fiquei um monte de tempo com ela, gostava dela. Mas hoje é maravilhoso, maravilhoso! A gente se entende demais, é tanto que eu faço o cabelo dela direto (risos).

Cheguei a mora com ela, mas por muito pouco tempo, porque aí eu não aguentei a convivência, porque eu adorava morar na minha casa, com a minha mãe, com todo mundo (risos). Então moro com minha mãe, meu pai e minha irmã, sempre, sempre, sempre morei com eles. Mas nosso relacionamento foi uns altos e baixos (risos).. é engraçado, né? a gente passou muito tempo, muito mesmo.. Mas ela não sabia.

Porque assim, agora depois desse meu relacionamento, todo mundo sabe, porque eu ando de mãos dadas, eu falo, eu converso, eu brinco, eu dou cheiro na pessoa, agora com limite e com respeito, porque tanto é feio pra um casal hetero, como é feio para um casal gay ta em uma festa se pegando e se abraçando. Numa festa nem tanto porque olha quem quer, agora em um ambiente de um bar, de um restaurante, se não for um ambiente GLS eu não acho interessante, queira ou não é feio, feio assim, visivelmente, é algo assim, constrangedor.

Pronto, exemplo, ta você e uma amiga sua, aí chega dois caras se beijando do outro lado, você pode não ter preconceito, mas você vai ter aquele receio de você ficar sempre vendo, como do mesmo jeito se chegar um casal hetero, você lá com sua amiga conversando aí eles dois o tempo todinho se acariciando e se beijando.. não é legal.

Acho que o preconceito já diminuiu bastante, tiro por exemplo pela cidade aqui, é uma cidade que eu acho que eu não encontrei no mundo tão liberal, como Cuité. Aqui, Cuité é muito, muito bem aceito. Teve sim alguns casos, que teve espancamento de um que tava aí num relacionamento, mas não é aquele negócio da sociedade, é aquela coisa, se envolve com gente errada que já tem um histórico muito pesado, né? já vem sem uma base de uma família, então depende muito de você. Por exemplo, esses meninos novos que tão começando agora, hoje em dia eles não podem sentir vontade, vontade não, porque já nasce, né? eu creio que já nasce. Mas eles não podem ter a liberdade de crescer um pouquinho não, que eles já querem... 'avacalhar' mesmo, sair de 'topizinho', de shortinho, com um casaquinho feminino, e com cara de 'home', como é que pode? Não, eu sei que a gente tem que se acostumar com essa parte de gênero, né? mas não, não é bonito, eu não acho bonito! Se meu filho chegar a ser, eu vou amar ele do mesmo jeito, agora eu não vou querer criar ele, pra ele ficar se vestindo de mulher e sair assim no meio da rua e gritando como muitos por aqui, sem nenhuma base familiar.

É porque assim, eu acho bonito, lindo.. lindo.. Lilás, mas porque? Porque ela tem condições de se manter! Se você quer mudar, quer ter outra opção de vida, se você quer ser mulher mesmo, você vai ter que se comportar como tal, porque mulher não vive no meio da rua gritando, mulher não vive fazendo essas bagunças no meio da rua, aí a maioria desses 'novinho' que tem aqui em cuité, porque vou falar pelos de cuité, né? eles se vestem com um shortinho curto, um topizinho, vestido de mulher, vão ali pro calçadão de cuité e passam a noite fazendo baderna, é bonito? Não é! E a gente sabe que tudo isso é uma base familiar que não tem, não é porque eu tenho preconceito ou algo do tipo, é porque a gente sabe que é pela base familiar.

Porque eu acho assim, que nessa questão de “homossexualismo” não é uma falha da família, de criar um filho pra ser homem, criar uma filha pra ser mulher, eu acho que palavra certa seria desestruturada mesmo, que não é aquela família que viva normal como a gente vive, que tenha pessoas alcoólicas, por aí a gente sabe que influencia muito nessa questão de fazer bagunça na rua.

Mas acho que é da vontade de cada um, porque se você vai ficar com uma pessoa você não vai ficar sem atração, de jeito nenhum, principalmente um homem. Apesar de que tem muitos que vão só pelo dinheiro, só pela forma de pagamento, como tem muitas pessoas que eu conheço que só fica com outras pessoas do mesmo sexo pra ganhar dinheiro.

Nunca enfrentei nenhuma dificuldade, não nessa parte de homossexualidade eu não enfrentei não. Mas olhe, se eu for contar minha vida você vai dá tanta risada (risos) porque olhe, eu já passei por diversas fases, nessa que eu ficava mais com mulher do que com homem, eu era do mundo da vaquejada, tem noção? Do que é você correr vaquejada, você num sítio, correndo atrás de gado, de tudo? É fora do comum, minha vida virou.

Deixa eu ver como é que eu falo, porque trabalhar com cabelo eu to trabalhando já faz muito tempo, minha mãe abriu um salão pra mim e eu acabei entrando no mundo da vaquejada, aí pronto.. saía muito e comecei gastar muito dinheiro, e parei de trabalhar pra mim e fui trabalhar pra outra pessoa, aí sai dessa outra pessoa e fui trabalhar pra outra, aí agora, agora mesmo.. há um ano atrás.. há um ano e três meses quando eu sai do último emprego, foi que eu me senti sem terra no chão, procurava pisar firme e não conseguia, aí mais uma vez minha mãe veio e me ajudou, foi a única vez que eu fiquei assim sem saber o que fazer, foi quando eu sai desse emprego e não queria voltar mais pra lá e nem queria trabalhar pra outra pessoa..

Pra chegar nessa profissão que eu quis, de cabeleireiro e já tem doze anos que eu to no mercado e eu trabalhei até como sapateiro, reformava sapato feminino aqui em cuité. Reformei sapato, trabalhei com meu pai que tem uma mini fábrica de carroceria, pintava carroceria, trabalhei com toda parte de marcenaria, aprendi a bordar na quadrilha, bordava também, como também fazia outras, dessas coisas manuais toda vida eu fui bom, me considero, acho... (risos). Aí uma vez minha irmã saiu pra cortar o cabelo aí chegou e a pessoa que ela foi cortar cortou bem curtinho e ela não queria cortar curto, aí daí pra frente eu decidi: -“eu vou ser cabelereiro”, aí assisti três vídeos na internet, vi três cortes e fiz esses três cortes nela. e de lá pra cá, nunca fiz curso de nada, nunca sai daqui pra canto nenhum pra buscar conhecimento, tanto de maquiagem como de cabelo, e graças a Deus eu to no mercado há doze anos e muito bem aceito, graças a Deus. Agradeço demais a minha mãe primeiramente que é quem me dar força e me fortalece o tempo todinho, e a minha irmã que hoje trabalha comigo.

Mas não mudaria nada, faria tudo do mesmo jeito. Adoro minha profissão demais, demais, demais. Gosto muito, muito, muito.. eu num to dizendo que eu não mudaria nada.. eu só sinto falta, pronto, da vaquejada, porque não tenho mais tempo, porque se eu tivesse eu tentaria conciliar tudo, tudo.. meus amigos heteros da vaquejada, todo mundo me respeita, todo mundo me quer bem, não tem e nunca teve esse negócio de preconceito, é muito bom..

Ahhh, mas já aconteceu uma historinha comigo, até a menina era conhecida do meu companheiro. A gente tinha até saído de tarde pra tomar uma na casa de uma amiga, aí quando foi de noite que a gente foi pra festa, eu passei segurando na mão dele, né? aí o namorado dela foi e falou alguma coisa, também eu não entendi não, mas voltei pra perguntar se ele queria dizer alguma coisa., sou muito direto, pergunto se ta acontecendo alguma coisa, por exemplo, eu andando com Lilás, ela bem desligada nessas coisas, mas se eu tiver com ela e alguém olhar torto eu vou atrás, eu vou perguntar o que é, e se ta vendo alguma coisa diferente.

Eu nem lembro o que ele falou.. mas ele não repetiu, fingiu que não tava escutando.. ai eu disse: - “é com você mesmo que eu to falando”.. (risos) mas não teve coragem, né? (risos).. nessa parte eu sou bem bacana, bem feliz em tudo e se fosse pra falar sobre tudo na minha vida dava um livro de comédia.

Quanto ao grupo, desde 2013 a gente teve as primeiras reuniões, ai depois se distanciou mais um pouco e agora torcer pra que volte né? Deve de certeza.. nas semanas LGBT, nas outras que tiveram.. que a gente fez palestras em escolas, com professores, era bem bacana o trabalho.

Humildade sempre!

AZUL TURQUESA

Natural de Cuité/PB, tem 42 anos, é católico e possui curso superior completo. Iniciou ainda na infância um relacionamento com os livros, os quais lhe serviram de apoio durante toda sua descoberta. É de família humilde, mas muito batalhadora. Desde muito cedo trabalhou para bancar os seus estudos e ter todo o conhecimento que hoje possui.

A entrevista aconteceu em seu ambiente de trabalho. E durante toda entrevista o colaborador desviou o olhar da entrevistadora, apresentando movimentos repetitivos com as mãos, mas sempre sorrindo ao recordar situações vividas, aparentemente revivendo todas as emoções já sentidas. Relatou bom relacionamento com a família e nunca ter tido problema a respeito da sua sexualidade. Foi um dos fundadores do grupo GLOS e acredita que está faltando um novo gás para que seja retomada as atividades, mas compreende a necessidade e a urgência desse retorno acontecer.

...É difícil pra mim, falar sobre isso.

Sou o filho mais velho de uma prole de dois filhos. Só sou eu e a minha irmã, sou mais velho do que ela quatro anos. Fui uma criança considerada um pouco doente.. tive algumas patologias na infância, como caxumba, sarampo, e isso impossibilitava assim, um convívio com outras crianças, na época quando todas as crianças ainda brincavam na rua.

Só depois dos seis anos foi que a minha saúde foi se reestabelecendo e eu começo a ter amigos, na rua, no bairro.. os coleguinhas de bairro, né? também já frequentava a escola. Quando eu entrei na escola, eu tinha três anos e oito meses, e já entrei alfabetizado, ou seja, quando eu não estava na rua brincando, eu estava em casa em contato com as histórias, com as lendas, com os contos de fada e aquilo me despertou o interesse pela leitura e quando eu entrei aos quatro anos na escola eu já entrei alfabetizado, só na primeira infância mesmo que teve essa questão de saúde, mas que foi resolvida logo após.

Eu sempre fui um passo à frente na questão da minha faixa etária, né? eu sempre tava uma turma adiantada do que os meus colegas da mesma idade estavam, então isso me fez ter contato com pessoas sempre mais velhas e até mesmo crianças mais velhas. No mais, a infância foi isso, sem grandes conturbações, sem perdas, né? só vim ter perdas de alguns familiares próximos já na adolescência e na juventude. Durante toda a minha infância até os onze anos, estiveram presentes pai, mãe, todos os avós, eu fui criado na casa de avós também, minha mãe e meu pai, moravam dentro da casa do meu avô, da minha avó paterna e até hoje minha irmã mora dentro da casa da minha mãe, e eu sai de casa há algum tempo, mas sempre teve essa questão de agregação familiar.

Meu pai também só tinha uma irmã que é viva ainda, mas que também morava fora e isso fazia com que sempre nas férias de final de ano, desde muito pequeno eu fosse passar férias em Recife, então quando dava outubro pra novembro que entrava de férias, recesso, eu já ia pra Recife e lá sim, lá eu tinha muito contato com muitas crianças, e morava numa comunidade que era tipo.. de morro.. e a gente ficava, - “sobe morro, desce morro..”, quando

eu chegava, chegava todo arrebetado, mainha só faltava perder o juízo quando eu chegava com os joelhos arrebetados das quedas, de descer as ladeiras. Mas é uma coisa que eu lembro que era muito bacana, muito bom esse contato com os primos, até hoje a gente se visita, sempre que tem oportunidade, principalmente nesse período de final de ano, a gente faz esse encontro lá, - “ahh, vamos passar férias de final de ano”.

E desde muito cedo assim que eu me identificava com a temática do universo feminino, apesar de eu nunca ter me travestido, nunca ter ficado feminino, mas eu sempre me identificava, e eu tinha uma prima bem próxima, ela era excelente desenhista, e desenhava aquelas bonecas que o povo rico tinha dinheiro de comprar, que vestia aqueles vestidos de papel, e ela era uma excelente desenhista e desenhava as bonecas, desenhava as roupas e a gente ficava brincando, né? até quando a minha saúde se reestabeleceu, aos cinco anos a gente sempre brincava, brincava com meninos e com meninas, brincadeiras que a gente chamava de brincadeiras unissex, não eram brincadeiras exclusivamente masculinas ou brincadeiras exclusivamente femininas, por exemplo, eu nunca fui de jogar futebol, apesar dos grandes esforços do meu pai, me dava todo tipo de bola, mas eu nunca fui de jogar futebol.

Eu sempre me identifiquei desde sempre com a temática feminina, e na adolescência já percebia, eu já percebi que eu tinha características homoafetivas, mas não foi de estabelecer relacionamentos, de ter namoro, de ter caso, apenas aquelas questões de origem sexual mesmo, que é próprio da adolescência, mas não como hoje, que os meninos homoafetivos com treze, quatorze anos já namoram, já colocam no facebook que tem namorado.. então pra prática mesmo da questão homoafetiva, eu acho que a partir dos dezessete pra dezoito anos, quando realmente eu fui encarar relacionamentos, encarar namoro, encarar a busca pela questão do outro, né? com o interesse e a finalidade sexual e de companhia mesmo.

Nos grupos de adolescentes quando a gente ia pras festas, né? eu não sei, eu acho que as pessoas sempre souberam que eu tinha uma orientação diferente, então não havia forçamento de barra de: -“ah, vai ficar.. vai beijar..” era muito mais inocente antigamente, eu lembro que a gente brincava de “uva.. maçã, sala mista..” a gente combinava: -“olha, quando for fulana tu aperta os olhos assim da gente..” que era pra dizer que era salada mista., que era um selinho.. ai nesse tempo menina dava selinho em menina, menino em menina, mas não tinha a conotação que hoje tem, a questão da sexualidade erótica que é tão visível hoje, tão presente na juventude. Hoje em dia eu acho que o amor erótico ele é mais reforçado do que antigamente.. antigamente era mais o amor juvenil, o amor pueril mesmo..

Hoje eu moro só, mas na época da faculdade, os três últimos anos eu morei com um rapaz. A gente se conheceu no estágio multidisciplinar interiorizado, então nós viemos fazer esse estágio, era uma equipe multidisciplinar, eu psicólogo, ele odontólogo, uma enfermeira, nutricionista, fisioterapeuta e farmacêutico, e a gente estreitou laços de amizade e nos últimos três anos a gente começou a morar juntos, como colegas, dividindo despesas e por fim, a gente teve um relacionamento.

Mas algumas atitudes que eu não tomei no momento certo, talvez por medo, não medo da sociedade, mas por medo de enfrentar a mim mesmo, por exemplo.. eu teria ido embora para o Ceará, como o meu gatinho da faculdade (risos) como ele me propôs.. eu teria arrumado as malas e teria ido fazer minha vida no Ceará.

No entanto, desde cedo eu sempre fui uma pessoa preocupada com as questões de saúde, e a minha sexualidade explodiu na época que o HIV tava em alta, então para as pessoas que tinham um cuidado grande, que tinham uma certa cultura.. isso travou muito as relações dos anos oitenta, noventa.. né? travou muito porque todo mundo tinha medo. Era a doença dos gays, mas mesmo assim eu consegui passar por isso e mantive a minha calma, e a partir daí tudo foi fluindo, então a família é fundamental.

E a família nossa era muito pequena, a família de casa mesmo, a família do lar. A gente nunca teve grandes questões, eu sempre na adolescência andei mais com meninas do que com meninos, então, meus grupos de trabalhos na escola eram sempre mais com meninas, um ou dois meninos só, e eles frequentavam a minha casa. Meu pai ao falecer, já sabia da minha orientação, minha mãe soube sempre desde muito cedo, e é uma pessoa que sempre me apoiou.

Mas eu não vejo um momento de revelação, assim.. - “ah, a partir desse momento as pessoas..”, foi uma coisa que foi acontecendo naturalmente, pra mim aconteceu como os heterossexuais, que tem sua sexualidade definida e não houve um marco decisório, um marco assim que: -“ah, a partir desse dia.. eu vou mudar o meu jeito de ser, porque eu.. decidi me..”, eu acho que não é nem aceitar.. o termo.. mas, eu sempre me encarei da forma como eu sou, então não teve mudança, né?

Minha mãe é uma grande parceira, ela é viúva. A gente sai junto, e a gente fica olhando: -“olha mainha aquele boyzinho hein?..” e ela fica olhando: -“será que dá certo?” ai digo: - “ah, se não der pra mim dá pra senhora..” (risos...) e a gente fica brincando. Então a gente sempre tem essa cumplicidade, né? não teve essa questão de levar por exemplo: - “hoje eu vou reunir a família, vou dizer que eu sou uma pessoa homoafetiva e eu vou trazer o namorado pra casa..” as pessoas que eu levei pra casa, pra minha casa, ou até mesmo pra casa deles enquanto eu morava com a família, eram sempre tratados com: -“esse é um amigo..” e pronto, como amigo ele ficava, mas todo mundo sabia que tinha mais do que uma amizade, mas nunca houve questionamento, nunca houve nenhuma restrição de: -“olhe, não é pra trazer aquele sujeito aqui em casa mais não..” nunca houve isso.

Mas eu acho que pela forma como eu sempre me comportei, sabe? De uma forma ética, de uma forma pautada em bons valores, de estar acompanhado das pessoas certas, no momento certo, nas horas certas. Acho que a minha educação, tanto doméstica, quanto escolar, propiciou isso, essa calma em relação a minha atitude sexual, ante a minha identidade sexual propriamente dita.. que eu sou homoafetiva.. então em relação ao preconceito... tenho colegas que já tiveram grande problemas em casa, com relacionamentos com colegas. Já meus amigos.. era tão engraçado, vou até relatar um fato, que quando a gente era adolescente.. adolescente não, jovem.. já fazendo o segundo grau, ai a gente saía pra ir para os cabarés, ai a gente chegava lá, eles iam ficar com as meninas lá no cabaré.. e alguns diziam: -“e ele não vai não?..” -“vai não.. ele hoje não vai nãoooo..” (risos).. ou seja, eles já faziam tipo minha defesa junto com o pessoal lá, com o cabaré.. e a gente saía só pra ir beber, e eles brincavam: -“eita, hoje ele vai pegar uma quenga”.. eram essas palavras que eles usavam.. e outro amigo dizia: -“tu num sabe que ele não quer, ‘vamo’ respeitar..” e foi bem tranquilo assim, nunca houve ‘forçaço’ de barra, até na questão da minha própria iniciação sexual propriamente ativa também, que foi bastante tranquila, onde teve entendimento, né? o que eu entendo realmente do sexo.. o resto foi só aventura, passageiros, encontros casuais que todo mundo tem.. mas quando foi de entrega mesmo, de sexo que eu considero, foi uma coisa bastante tranquila, sem grandes.. é.. de que eu tava fazendo um pecado, eu acho que pela base da leitura que eu tive.. uma base fundamental, eu não tive essa questão de que era errado, era pecado e eu tava fazendo uma coisa errada, que era de pessoas ruins, que era diferente..

Os livros sempre me serviram de apoio. Eu trabalhava em uma escola, desde muito cedo eu trabalhei, e era uma escola particular que tinha aqui no município de Cuité, a minha família era carente e a direção da escola me convidou a tomar conta da biblioteca, em troca eles me davam a mensalidade e o dinheiro que meu pai, minha família ia pagar o colégio, eles me davam, né? E eu tomava conta da biblioteca e lá tinha um acervo muito grande, a pessoa dona do colégio era o que hoje chamam de psicopedagoga, mas ela era orientadora educacional e tinha uma vasta coleção de livros a respeito da sexualidade, tinha um livro que

até hoje eu tenho, que era conselhos.. – “o que fazer em cada fase da vida”, então eu devorava aqueles livros, tendo em vista que as questões sexuais não eram muito discutidas, né?

Eu lembro até que quando eu já tava na segunda série do segundo grau, aí a escola entrou com o projeto de orientação pra sexualidade e ‘avé maria’, foi um tumulto, os pais não queriam, porque o colégio ia ‘ensinar coisas de sexo’ e foi um tumulto. Então os livros sempre me deram uma base muito boa de entender a questão da homossexualidade não como doença, não como transtorno mental, né? e eu dava esses livros para colegas funcionários também lerem: - “olha esse livro como é interessante”, alguns autores tratavam de uma forma bem científica, estudei e li inclusive o tratado da psiquiatria a respeito da homossexualidade, a questão da doença, de que hoje não é mais tratado como doença, a questão do preconceito, a questão do que acontecia a nível orgânico, a nível mental, então essas leituras me deram uma base muito boa, né?

A ciência até já tá pesquisando alguma coisa, é tanto que isso.. com a revisão da CID-10.. a questão da Homoafetividade sai da questão das doenças, dos transtornos e passa a ser encarada como um fenômeno.. já é um pouco diferente, é um fenômeno a partir do momento de que é todo um modo de vida que o sujeito passa e que vai diferenciar ele da questão da heteronormatividade. Então a partir daí, não tem um botãozinho de liga e desliga, liga e desliga, né? por isso que a gente vê pessoas que por outras pressões sociais e econômicas, quando se sentem estabilizadas, quando se sentem seguras, aí realmente aparecem no cenário como aquelas que realmente são, então não é muito raro você encontrar hoje pessoa de quarenta, cinquenta anos que estão é.. não se descobrindo, porque sempre souberam, mas sim, afirmando a sua orientação sexual.. E a gente pode observar, crianças pequenas, né? que já tem comportamentos do sexo oposto ao sexo biológico, mesmo sem ser transgênero, não é? Porque a questão do transgênero já é uma outra linha de raciocínio, mas que tenha uma identidade que já é própria do sujeito, né? desde pequeno.. então eu acredito que nascer homoafetivo, acho que é um pouco complicado a gente falar sobre isso, porque a ciência não tem nos dado muitas respostas ainda, mas eu acredito que é algo que a gente já traz.

Eu sempre tive assim, essa identidade de desde muito cedo, sempre frequentar, graças a Deus, apesar da minha família ser bastante humilde, mas eu sempre frequentei os melhores ciclos sociais da cidade e nunca tentei ser o que não era, e nunca tentei parecer o que eu não fosse. Então as pessoas me respeitaram desde sempre, independente da minha orientação. Em viagens também, eu nunca sofri preconceito.. de gênero, né? minha história com preconceito, com violência, discriminação, com enfrentamento dentro de casa é muito tranquila, eu não tenho grandes acontecimentos não, tudo fluiu de uma forma muito natural e eu acredito que da mesma forma que fluiu pra minha irmã que é heterossexual, a gente não teve grandes diferenças.

É difícil pra mim falar sobre isso, mas algo que me marca e, que eu fui tratado de uma forma diferente por ser homoafetivo, é que, há uns quinze anos, dezesseis anos, não lembro.. sofri uma agressão, eu tava em uma festa, saí de casa, um garoto me perseguiu e me agrediu.. na época, eu nem levei pra o lado da agressão por conta de gênero, eu achei que tinha sido uma agressão normal, uma briga.. mas só que não foi briga porque eu não provoquei, não me envolvi, e quando foi há um ano e meio atrás, essa pessoa entrou no meu facebook e me pediu perdão.. disse que tinha errado e hoje é uma pessoa evangélica, né? com o tempo é que a gente vai caracterizando como ato de violência contra o gênero, né? mas na época assim, eu não me dei conta.

Mas já me rejeitei por outras questões, outras questões sociais, de ter poucos amigos, de não tá sempre frequentando os mesmos ambientes que todo mundo, de gostar de ser só, de estar só em lugares, mas pela questão da minha orientação sexual nunca me rejeitei, nem

nunca me diminui, nem nunca me aumentei frente a ninguém, não sou melhor e nem pior do que ninguém, pela questão da minha orientação sexual.

Eu acredito não na determinação da orientação, mas acho que a influência pode ser muito positiva ou muito negativa de acordo com a sua formação, por exemplo como eu te falei, que as minhas influências, os meus colegas, os ciclos sociais que eu frequentei, me deram essa tranquilidade, não de aceitar, mas de me ver como uma pessoa normal, como uma pessoa qualquer. Não me vejo diferente por ser uma pessoa homoafetiva, mas a partir do momento que você vive em um ambiente conturbado, com pessoas problemáticas, com dificuldade de aceitação de personalidade, eu acho que isso pode influir e contribuir para uma certa mudança de atitudes, mudança de comportamento, em relação a alguns temas. Dentro do grupo mesmo a gente tem exemplo de pessoas que tem problemas em casa e daí procuram outras alternativas, e vai buscar em outros lugares.

O nosso GLOS surgiu a partir de um fórum de cidadania, que aconteceu aqui no município de Cuité, promovido pela assistência social, o qual estávamos lá, e surgiu a temática dos direitos das pessoas LGBT's, ai surgiu dai a ideia de então tentar formatar um grupo, né? a partir dessa ideia do fórum de saúde e cidadania, de formatar nosso Grupo, onde nós fizemos alguns movimentos aqui em cuité, estivemos presentes em alguns eventos, a universidade é uma grande parceira nossa inclusive, mas que eu vejo que nesse momento agora é que ela se esfacela, não tá tendo interesse por parte das outras pessoas, dos outros integrantes, assim como meu também, a nossa agenda é muito corrida, é uma coisa que vai dedicar tempo, nós temos uma ligação muito boa com outras entidades LGBT's, órgãos governamentais, como no caso da secretaria da mulher no estado da paraíba, que sempre foram nossos parceiros.. a própria prefeitura nas gestões anteriores, não posso falar dessa gestão porque a gente também ainda não teve contato com eles enquanto GLOS, mas o que eu vejo é que ta precisando de um gás novo, durante dois anos nós deixamos de realizar a nossa campanha, né? a da semana de combate a homofobia, que foram movimentos grandiosos aqui, que foram momentos marcantes realizados pelo GLOS, questão documental a gente ta em falta também, falta registrar estatuto, apesar da gente já ter estatuto, ter feito assembleia, ter cadastrado os membros.. mas ainda falta fazer o registro, né? nas secretarias pra ser realmente reconhecida como ONG, mas sempre que alguém nos convida, pra falar em algum evento, dá alguma palestra.. a gente tem Marte que trabalha com a gente que é um performace, tem um personagem.. e que sempre vai junto com ele, já fomos a Picui, Barauna,. a própria universidade chamou em um semana que aconteceu lá, mas eu diria que a gente tá precisando de um gás.

Inclusive nós temos algumas demandas que foram dadas a gente. Temos de 2 a 3 sujeitos transgêneros que estão ai na luta pelas cirurgias e que a gente precisa dá esse apoio, então são pessoas que estão em intenso sofrimento psíquico, e a gente não pode se negar, por isso esse seria um momento bom pra gente se unir pra tentar ajudar essas pessoas, talvez com esse espirito de união, a chama do movimento reacenda. A gente sempre se movimenta, por exemplo.. quando houve a morte de uma pessoa de identidade LGBT na cidade de Nova Floresta, ficou todo mundo muito 'revolts', né? Foi estuprado e morto, isso deixa todo mundo... né? Mas não foi ainda o suficiente e espero que a gente não volte por conta de alguma tragédia, e sim pelo lado positivo do movimento, entende?

Em todas as reuniões do grupo, onde eu pude dar depoimento, minha mãe esteve lá, se emocionou junto comigo e nunca houve transtornos não, até porque sempre foi uma coisa muito calma, a minha sexualidade sempre foi muito calma, eu sou uma pessoa muito tranquila, nunca tive grandes enfrentamentos, nem comigo mesmo, nem com as pessoas, nem com a sociedade.. é tanto que hoje a gente tem um certo reconhecimento assim, infelizmente.. ou felizmente pela questão do grupo está 'desfacelado' um pouco, mas por causa dessa tranquilidade mesmo, sabe? De todos os integrantes.. nós fomos nos afirmando como

peessoas, como profiissionais e a orientação ficou em segundo lugar, em terceiro lugar.. não sendo algo principal de você erguer bandeiras, de fazer.. de tentar ser aceito pela questão da sua Homoafetividade, sua orientação sexual.. mas pelo profiissiona que você é, pela pessoa que você é, pelo caráter que você tem.

“Cada um sabe a dor e a delicia de ser o que é..”.

*7 Fragmentos da memória:
análise de narrativas*



"Todas as dores podem ser suportadas se você as colocar em uma história ou contar uma história sobre elas."

Hannah Arendt

Em face das narrativas apresentadas anteriormente, neste capítulo, compreenderemos a partir da análise e interpretação das histórias, a vivência dos homossexuais em seus seios familiares, bem como, as redes de apoio e estratégias utilizadas para o enfrentamento das dificuldades vivenciadas. Ao narrar sua história, cada participante reviveu experiências, relembrou situações de dor e de superação, possibilitando um resgate de memórias ao relatarem suas histórias de forma libertadora, traçando novos sentidos para continuarem lutando por respeito e igualdade.

Cada depoente trouxe em sua história particularidades, especificamente no que se refere à maneira de enxergar as influências familiares, sejam elas positivas ou não. Alguns narradores não interpretam como negação ou rejeição, o fato de alguns familiares não questionarem ou não abordarem assuntos que envolvam sua homossexualidade, mas se contradizem ao revelarem dificuldades na aceitação de seus relacionamentos.

Apesar das lutas para erradicar o preconceito tanto no âmbito familiar quanto no social, diversas vezes ele surge disfarçado de humor ou de opinião, e deste modo, percebemos em pequenas falas grandes cargas de preconceito e rejeição, que influenciam negativamente na vida de quem os sofre. Após relatarem situações de repressão, alguns narradores demonstraram fortes emoções e descontentamento por não serem aceitos por determinados membros familiares apenas por não se adequarem ao padrão heteronormativo imposto pela sociedade.

Todas as histórias tiveram em comum a necessidade de afirmar que a homossexualidade não parte de uma escolha ou de uma opção, mas de uma condição ao qual o indivíduo já nasce e se identifica como tal. Para melhor compreender essas vivências familiares, a análise das narrativas possibilitou a elaboração de dois principais eixos temáticos: 1) *Entre a opressão e a liberdade: as dores e superação em face da revelação da homossexualidade dentro do contexto familiar*, e; 2) *Redes de apoio e estratégias de enfrentamento: o que se encontra no fim do arco-íris?*

7.1 Eixo Temático 1: Entre a opressão e a liberdade: as dores e superação em face da revelação da homossexualidade dentro do contexto familiar

Considerando toda construção social, em que o sexo biológico na maioria dos casos é teoricamente suficiente para determinar a heterossexualidade, os pais são preparados pela sociedade para terem filhos heterossexuais como um processo natural a acontecer, sendo qualquer outra forma de diversidade sexual vista como desvio do padrão normativo. Neste sentido, quando a pessoa identifica-se como diferente do exigido pela sociedade, sente-se privada de comunicar diretamente aos pais devido o temor da rejeição e da repressão, e os exemplos mais comuns têm sido os pais saberem da orientação e/ou identidade sexual dos filhos através de outras pessoas (COSTANTIN, 2011).

Embora o medo de ser rejeitado pela família seja algo frequente na vida de homossexuais e transgêneros, alguns preferem enfrentar as possibilidades de aceitação ou negação, e revelar sua orientação sexual para os pais, seja pela incessante necessidade de sentir-se livre ou pelo receio de como esta informação chegará a seu ambiente familiar. Para entender melhor esse tipo de vivência, iniciaremos com a narrativa de **Verde**, que diante da dimensão que a sua homossexualidade atingiu em sua Cidade, sentiu-se na obrigação de revelá-la aos pais. Vejamos a seguir:

Eu falei pra minha mãe, eu tive que falar na verdade, porque era um assunto que já tava tomando grandes proporções na minha cidade, então ou eu contava ou alguém contava pra ela e eu preferi dizer, [...] minha mãe querendo não aceitar, porque eu era bem.. digamos assim, namorado [...] então foi um baque! (Verde)

Para **Verde**, apesar da dificuldade inicial na aceitação da sua homossexualidade e o medo existente por trás desse momento de revelação, declarar a homossexualidade para sua mãe foi uma forma que encontrou de evitar que a verdade fosse distorcida por outras pessoas. Embora seja esse um momento difícil, foi o marco da vida de **Verde**, em que a partir de então, pôde aceitar-se como homossexual sem precisar disfarçar o seu comportamento e os seus sentimentos.

Soliva (2010, p. 1) cita que após a descoberta da homossexualidade do filho “pais e mães, se deparam com a ruptura imediata dos “sonhos” que nutriam em relação ao filho” e

não é algo incomum conhecermos histórias de homossexuais que antes de aceitarem a sua sexualidade atravessam fases de autonegação, como podemos perceber na narrativa de **Verde** ao citar a condição de “namorador”. Isso ocorre na maioria dos casos devido essas grandes expectativas, planos e projetos que os pais insistem em projetar para a vida dos filhos, ocasionando um maior sofrimento para as pessoas com orientação e/ou identidade sexual diferente do padrão, por interpretarem sua homossexualidade como um fator de “frustração” para os pais e demais membros familiares. Isso se comprova na fala de **Lilás**:

Sofri, como digo, não é fácil, porque como manda a natureza, toda mãe quer um filho pra casar, quer uma filha pra casar, ter filho [...] Meus pais, que são um povo mais antigo, com a mente “menor”, a aceitação é um pouquinho mais difícil, tem mais preconceito. (Lilás)

O sofrimento expresso por **Lilás** representa bem a maneira como o homossexual se sente ao perceber-se diferente do que havia sido projetado por seus pais. Geralmente esse processo de revelação da homossexualidade, seja ela descoberta por algum membro familiar ou revelada pela própria pessoa, tende a gerar situações de tensão e conflitos que fazem do ambiente familiar um espaço marcado por perseguição, medo e preconceito (SOLIVA, 2010).

Lilás relata ainda que a perseguição em sua casa iniciou desde muito cedo, antes mesmo de revelar sua orientação e identidade sexual para sua família. Desde a infância construiu laços de amizade com pessoas homossexuais, os quais foram se consolidando na adolescência e isso despertou em seu irmão a dúvida sobre sua sexualidade, o que provocou o início de um conflito dentro do ambiente familiar:

No inicio não é muito fácil, é muita coisa... Já veio irmão passando em cara o preconceito.. Começaram as brigas em casa com meu irmão pegando no meu pé [...] então começou aquela perseguição, aquela cobrança: - “ah, fulano é gay, fulano num sei o que, pois então você é, você só anda com fulano que ele é gay, então você é!” (Lilás)

Assim como **Lilás**, **Verde** também enfrentou inicialmente certa rejeição por parte de seu irmão, o que provocou situações de tensão e insatisfação frente a sua homossexualidade:

Com meu irmão foi parecido, assim, ele tentou de todas as formas dizer que não era aquilo [...] que não era pra acontecer aquilo, que não era o que eu queria, no começo ficou de cara fechada pro meu lado. (Verde)

Já para **Amarelo**, revelar a sua homossexualidade para sua família serviu apenas para confirmar algo que já desconfiavam:

Em casa, a primeira pessoa que eu contei, assim, foi a minha irmã. Ela teve um choque de início, mas no fundo, no fundo como ela disse, já sabia [...] quando mainha falou, tocou no assunto ela disse que já sabia, ai painho nem toca no assunto. (Amarelo)

O “não tocar no assunto” também pode ser entendido como uma dificuldade de aceitação, embora isso não seja tão bem interpretado por alguns narradores. Apesar de que a família não tenha tomado atitudes que reprimam sua orientação sexual, ela utiliza do silêncio para dar invisibilidade às práticas do filho ou do parente homossexual.

Segundo Perucchi; Brandão e Vieira (2014) essa atitude de “fingir não ver” apresenta-se ainda como uma forma que os pais e demais familiares utilizam para evitar abordar assuntos que envolvam a temática, com o intuito de que as práticas não normativas fossem de alguma forma caladas, ou ao menos, contidas.

Tal qual **Amarelo**, **Vermelho** também apresenta em sua narrativa uma interpretação equivocada a respeito da aceitação familiar quanto a sua homossexualidade:

Minha mãe só perguntou uma vez se eu era (homossexual)... não lembro nem a idade que foi isso, mas eu disse que era, e também ela não perguntou mais nada, né? Então não conversamos diretamente sobre a homossexualidade [...] Minha mãe vê, ela sabe que sou homossexual, mas ela não pergunta, não diz nada. (Vermelho)

A vivência da homossexualidade de **Vermelho** é vista por ele sem muitas dificuldades, já que a mãe perguntou uma única vez e desde então, não tocou mais no assunto. No entanto, isso evidencia uma dificuldade de diálogo entre mãe e filho e segundo Silva et al. (2015, p. 688) “essas dificuldades apontam para uma aceitação parcial ou oscilante, uma pseudoaceitação do filho, com sua orientação sexual e projetos de vida”.

Como exemplo, temos **Lilás**, que embora expresse em suas narrativas uma maior dificuldade de aceitação por parte do irmão, relata em contrapartida situações que evidenciam preconceito e renúncia por parte de sua mãe:

Eu disse a minha mãe que ia colocar a mama... só que ela, toda vida foi contra, ela nunca foi a favor [...] Mas minha mãe ainda me chama pelo meu nome de batismo, ave Maria! (Lilás)

Nota-se na narrativa de **Lilás** o preconceito arraigado de sua mãe, que embora não tenha tido atitudes que impedissem o processo de transição de gênero, se mostra contrária até os dias atuais.

Enfatizando novamente a construção social e a questão cultural em que os pais são preparados para terem seus filhos e estes tornarem-se másculos e procriadores, quando os pais são informados sobre a sexualidade real de seus filhos, alguns manifestam a vontade incessante de que estes se comportem discretamente para que não venham a expor sua homossexualidade para a sociedade. É como se essa fosse exatamente à raiz do problema. Não o fato de se relacionarem com pessoas do mesmo sexo, mas sim, com quais olhos a sociedade enxergaria tal ato (COSTANTIN, 2011).

Nesta mesma linha de raciocínio temos novamente a narrativa de **Verde**, que apresenta o seguinte relato sobre a pessoa do pai:

A primeira coisa que ele pensou.. eu acho que por ele ter uma mente um pouco.. meia fechada, eu acho que ele pensou logo assim: - “gay é aquele que se monta..”, eu acho que foi a primeira coisa que ele pensou, que eu ia me vestir de mulher quando me assumi, e foi a preocupação dele por questão de todo preconceito. (Verde)

No relato de **Verde** entende-se que a preocupação do pai é referente ao preconceito social que possivelmente ele sofreria caso se transvestisse, no entanto, nota-se um pouco de discriminação no comportamento do pai, que de acordo com Silva et al. (2015, p. 687) “está também relacionado aos papéis de gênero socialmente construídos e preservados, que contribuem para a sustentação de atitudes homofóbicas”.

Mesmo **Verde** não assumindo tal postura temida pelo pai, ele relata a existência de um bloqueio que não permite uma relação aberta entre eles, o que fica claro no relato a seguir:

Meu pai, assim.. a gente não tem contato com muita coisa, a gente fala praticamente o básico, a gente se respeita, mas não aconteceu nada, não tem nada, nenhuma intriga, nem nada, eu acho que foi um afastamento assim, não sei nem te explicar o motivo [...]é aquela coisa, ele se preocupa comigo, ele pergunta pra minha mãe como é que eu to, o que é que eu to fazendo, se eu to bem.. mas algo entre a gente impede essa comunicação.
(Verde)

O distanciamento de **Verde** com seu pai foi se firmando a medida que o mesmo foi tomando consciência da homossexualidade do filho, a partir disso a mãe tornou-se um intermédio de comunicação entre ambos, como se algo impedisse uma comunicação direta, o que remete a ideia de negação por parte do pai. Segundo Schulman (2010) a maioria dos pais passam a tratar a homossexualidade não como algo aceitável ou equivalente à heterossexualidade, mas como algo tolerável, em que cada família utiliza de meios de adaptação para tolerar esta nova realidade, como aparenta ser o caso de pai de **Verde**, ele tolera, mas não aceita.

Embora alguns dos entrevistados tenham tido a necessidade de contar para os pais sobre sua sexualidade, alguns deixaram evidente em seus relatos que os familiares já sabiam ou suspeitavam da sua orientação. Isso ocorre devido os pais, normalmente, conhecerem bem os seus filhos e segundo Costa; Machado e Wagner (2015, p. 785) “não tocam no assunto até que seja inevitável”.

Para Soliva; Silva Júnior (2014) os pais percebem quando existem “indícios” que os levam a crer que algo está “errado”. A partir desses indícios o grupo familiar tende a promover situações de repressão baseada na autoridade familiar. Essas repressões partem de extremos que vão desde proibições e interdições, até as formas mais cruéis de violência doméstica contra os homossexuais. Com base nisto, criamos o seguinte sub-eixo:

7.1.1 Sub-eixo 1: O lado CINZA do Arco-íris

A partir de agora, apresentaremos situações de violência vivenciadas por alguns dos depoentes deste estudo. Segundo Frigo et al. (2014) as pessoas homoafetivas continuam sendo os principais alvos do preconceito e da discriminação em todos os segmentos sociais. Tais situações ocorrem através da violência verbal, psicológica e física, sendo estes atos,

praticados por desconhecidos, “amigos” e na maioria das vezes incluem pessoas do próprio convívio familiar.

A violência dentro do seio familiar é algo frequente e pode iniciar-se desde muito cedo, após a percepção de comportamentos que não correspondem ao sexo a qual determinado membro pertence, afinal são os pais os primeiros a regrarem e prescreverem o tipo de performance ideal para cada gênero. Com isso, os pais acompanham todo o processo de socialização de seus filhos e conseguem identificar quando os mesmos diferem do padrão heteronormativo (SOLIVA, 2010).

Para **Laranja**, o simples fato de possuir interesse por brincadeiras consideradas femininas na infância, foi motivo de repressão e violência por parte de alguns familiares:

Eu brincava com menino, mas eu brincava muito mais com meninas e apanhei muito por causa disso na minha infância. [...] Eu sofri outra questão familiar a respeito disso, pela questão de eu ter me descoberto e andar com os meninos (homossexuais) e minha família não entender. Tive que ser mandado embora [...] por essa questão. (Laranja)

O relato de **Laranja** expressa a hostilidade existente dentro de seu ambiente familiar e os mecanismos violentos utilizados para reenquadrá-lo a norma. Essas atitudes de violência partiram de tias e tios com os quais **Laranja** residia antes de ser mandado embora para a casa de seus pais. A “expulsão” de **Laranja** se deu após a revelação de sua orientação homossexual, o que culminou em sofrimento e repressão.

Desta forma, o ambiente familiar, que deveria ser um espaço de compreensão, acolhimento e segurança, passa a ser um ambiente repressor, marcado por atitudes preconceituosas e opressoras. Para Perucchi; Brandão e Vieira (2014) ainda que a violência intrafamiliar não culmine com a expulsão, ela abre espaço para uma convivência marcada por humilhações e ações discriminatórias que repercutem por todo curso de vida, como podemos compreender a partir da narrativa de **Azul**:

Com meu pai é difícil até hoje! A gente não mantém nenhuma relação, ele desde muito cedo já percebeu os meus ‘trejeitos’ [...] e ele foi uma pessoa que me repreendeu bastante e até hoje repreende! Sou independente, sou um profissional reconhecido e respeitado na minha cidade, mas ele é muito machista, ignorante e ele não me interpreta e não me vê de forma nenhuma.

Isso me deixa triste, muito triste! Todas as experiências com ele foram marcantes, todas elas foram pesadas e foram cruéis! (Azul)

O relato de **Azul** traz consigo marcas deixadas pelo comportamento agressivo do pai, sendo possível notar em sua narrativa sentimentos de revolta, tristeza e insatisfação pela incompreensão acerca de sua homossexualidade. Embora **Azul** tenha conquistado o seu espaço na sociedade como relata em seu discurso, o pai não compreendeu sua orientação homossexual como uma condição equivalente à heterossexualidade, resultando em situações de repressão, discriminação e violência até os dias atuais.

De acordo com Soliva e Silva Júnior (2010, p. 132) “esse tipo de violência tem a capacidade de atingir seus agredidos de duas formas: pela dor de ser agredido e pelo fato de o agressor ser alguém com quem mantém uma relação de proximidade”, neste caso, ser alguém do seu seio familiar. Ainda segundo o mesmo autor, as agressões familiares ocorrem com a intenção de trazer o indivíduo às raias da normalidade supostamente rompida, como podemos analisar em outro trecho da narrativa de **Azul**:

Sofri uma pressão muito grande familiar, a sociedade na verdade levava pela brincadeira da coisa e a minha família não, sempre na repressiva, como se a solução fossem esses maus tratos, essa pressão psicológica. (Azul)

Como visto, as narrativas de **Laranja** e **Azul** foram marcadas por sofrimento, sentimentos semelhantes e, ao mesmo tempo, peculiares. As hostilidades existentes em seus ambientes familiares deixaram marcos negativos em suas trajetórias, proporcionando em suas falas fortes emoções e sensações de rejeita.

A violência psicológica relatada por **Azul**, também ocorre como forma de posição contrária a prática da homossexualidade, principalmente quando o familiar interpreta como escolha ou opção, utilizando então de atitudes opressoras para repreender e constranger a pessoa do homossexual na intenção de castigá-lo por seu comportamento “desviante” (SOLIVA, 2010).

Não raras vezes nos deparamos com essas situações de violência doméstica entrelaçada a descoberta precoce ou tardia da homossexualidade de um membro familiar e diante dessas narrativas, foi possível identificar a dor que uma pessoa com orientação ou identidade sexual diferente do exigido pelo meio social, sofre diante da rejeição ou

incompreensão de alguns familiares. Por outro lado, vale ressaltar, que essa renúncia embora não possa ser esquecida ou apagada, ela pode ser suprida através do amor e da compreensão ofertados por outros membros familiares, como veremos a partir do próximo sub-eixo:

7.1.2 Sub-eixo 2: O outro lado da moeda: A família como lugar de apoio e suporte

Apesar da dificuldade inicial na aceitação da homossexualidade e da relação conflituosa existente entre alguns depoentes e seus membros familiares, é possível identificar a partir de algumas narrativas a existência de determinadas fontes de apoio dentro do seio familiar, que proporcionaram compreensão e ofereceram a pessoa do homossexual o suporte necessário para enfrentar e vencer os conflitos diários, como se evidencia nos relatos a seguir:

Minha mãe ela é maravilhosa, é uma mulher ímpar pra mim! Ela é uma pessoa um pouco despreparada pra conversar, pra entender do assunto, mas tenta a todo momento, a toda hora, suprir todo o amor que o meu pai nunca me deu. (Azul)

Minha mãe soube sempre desde muito cedo, e é uma pessoa que sempre me apoiou [...] é uma grande parceira, ela é viúva.. a gente sai junto, e a gente fica olhando.. - “olha mainha aquele boyzinho hein?..” e ela fica olhando: - “será que dá certo?” ai digo: - “ah, se não der pra mim dá pra senhora..” (risos...) e a gente fica brincando.. então a gente sempre tem essa cumplicidade, né? (Azul Turquesa)

A partir da narrativa de **Azul** é possível compreender o misto de sensações, emoções e sentimentos por ter de sua mãe o amor e a compreensão que lhe motivam a prosseguir e a continuar lutando apesar de todas as dificuldades vivenciadas com a figura paterna. Segundo Costantin (2011) é natural essa aproximação com a mãe no caso de homossexuais homens e o afastamento da pessoa do pai, devido não corresponder às expectativas do gênero masculino e, embora para a mãe também seja difícil aceitar a sexualidade do filho, o processo de aceitação ocorre de forma mais rápida.

Segundo a narrativa de **Azul Turquesa**, com sua mãe nunca houve problemas em relação a sua orientação sexual, o qual a teve desde a adolescência como uma amiga pronta

para ajudá-lo em todas as situações que foram necessárias um suporte familiar. A relação amigável com sua mãe favorece a existência de um ambiente familiar acolhedor, que proporciona ao depoente a sensação de reconhecimento advindo de alguém de grande importância em sua vida, e segundo Toledo e Teixeira Filho (2013), é necessário manter essas relações familiares para que nos sintamos seres autênticos e existentes.

Laranja afirma que a relação com os pais ao ser mandado embora da casa dos tios, não foi afetada ao serem informados sobre sua sexualidade, como podemos analisar a partir da narrativa a seguir:

Eu nunca tive, nunca tive.. nenhum problema, assim que tenha relação.. que tenha sido pelo fato de eu ser homossexual, nunca ouvi isso (gesto referente a pouco) nem do meu pai, nem da minha mãe. Nunca escutei da boca deles uma palavra a respeito da minha homossexualidade [...] nunca tive nenhum problema, nem com meus irmãos... que é uma coisa que quando você é adolescente você briga muito [...] até hoje, quando to com algum problema, com alguma coisa, eles sempre perguntam o que é, mas nunca dizem: “é por fulano..? é por isso?”.. não, eles tentam ajudar, mas da maneira deles e eu da minha. (Laranja)

A expulsão de **Laranja** para a casa da sua família de origem após a revelação de sua orientação sexual para as tias com quem residia, o proporcionou uma melhor auto aceitação no que tange sua homossexualidade, já que desde muito cedo vivenciou conflitos e situações discriminatórias por parte destas, por não compreenderem e não admitirem sua orientação homossexual.

A compreensão por parte de seus pais e irmãos, embora tenha ocorrido pelo fato de não saberem como agir diante dessa realidade, lhe proporcionou relações mais saudáveis e integradoras a partir de um ambiente familiar mais estruturado e acolhedor, e segundo Costantin (2011, p. 18) isso tem como ganho a possibilidade dos pais tornarem-se “pessoas mais reflexivas, críticas e intolerantes com os estereótipos, discriminações e exclusões sociais de outros grupos minoritários”.

Como exemplo, temos abaixo à fala de **Vermelho** que relata o instinto defensor de sua família:

Você percebe quando alguém vem falar algo e eles vêm lhe falar que lhe defenderam. (Vermelho)

Para **Vermelho**, sentir a proteção de sua família é essencial para permanecer forte diante da incompreensão social. De acordo com Toledo e Teixeira Filho (2013) há uma necessidade de reconhecimento por parte da família que está completamente aderida a subjetividade do sujeito, sendo a família com todas as suas transformações, uma instituição de grande peso para os sujeitos no momento histórico atual.

Apesar de algumas famílias não apoiarem a exposição da sexualidade de determinado membro familiar para sociedade ou temerem a rejeição social (SILVA, et al 2015) alguns depoentes relataram sentir o apoio e aceitação para expressarem seus desejos e sentimentos acerca de suas relações homoafetivas. No quesito relacionamento, alguns dos participantes relataram em suas narrativas as reações advindas da aceitação dos pais e demais membros familiares, como veremos a partir das narrativas a seguir:

Os relacionamentos que já foram abertos pra eles, eles aceitaram. Até tinha uma certa preocupação nessa questão, em saber quem era. Se é a pessoa certa, principalmente meu irmão. Os irmãos que tenho, eles são mais abertos.. a minha cunhada.. [...] ela ajudou muito nessa questão da família aceitar mais, entendeu? (Laranja)

Porque ela (mãe) quer a minha felicidade. Mas sei que ela tem muito medo, porque infelizmente a gente vive num mundo que tem muito preconceito [...] tem casos que as pessoas se envolvem por interesse e ela tem muito medo disso, entendeu? De outra coisa não, é medo que eu venha a sofrer! (Lilás)

Por terem conhecimento do quão intenso é o preconceito social apesar das lutas e conquistas ao longo dos anos, as famílias de **Laranja** e **Lilás** trazem consigo a mesma preocupação e cuidado por sentirem medo de que seu familiar homossexual se envolva com pessoas maldosas que possam refletir de forma negativa em sua vida pessoal e/ou profissional.

Já os familiares de **Verde** e **Azul Turquesa** preferem não interferir nos relacionamentos dos filhos:

Eles não interferem.. minha mãe sempre pergunta se eu to bem, como é que eu to, pergunta pelo meu companheiro, se ta tudo bem, se ta precisando de alguma coisa. No começo é difícil, mas agora, quando ele vai lá em casa ela trata ele como um genro normal. (Verde)

Nunca houve questionamento, nunca houve nenhuma restrição.. de “olhe, não é pra trazer aquele sujeito aqui em casa mais não..” nunca houve isso.
(Azul Turquesa)

Nota-se a partir das narrativas de **Verde** e **Azul Turquesa** que há uma maior liberdade de vivenciarem seus relacionamentos afetivos e de terem a aceitação da família para isto. Neste sentido Toledo e Teixeira Filho (2013) reforça a importância de o homossexual sentir-se aceito dentro do espaço familiar para que possa haver reflexos positivos em seus relacionamentos conjugais.

Segundo a narrativa de **Amarelo**, com seus familiares nunca houve nenhum tipo de problema no que diz respeito a seu relacionamento, a única preocupação gira em torno de seu filho, fruto de um relacionamento de 9 anos atrás:

É uma criança né? eu ainda não falei nada a ele, porque eu acho que é confundir muito a cabeça dele, mas ele convive comigo, convive com meu companheiro, e ele se dar super, super bem. **(Amarelo)**

Para **Amarelo** ainda não chegou o momento exato para conversar com o filho sobre sua orientação sexual, mas acredita que não haverá rejeição por parte do mesmo. O relacionamento com a mãe de seu filho, de acordo com sua narrativa, foi um relacionamento duradouro, porém instável. Entretanto, **Amarelo** relata que atualmente ambos estabeleceram uma relação tranquila e amigável, o que favorece o fortalecimento do vínculo pai-filho.

Neste sentido, nota-se que as relações familiares ao mesmo tempo em que podem ser um fator de agravamento e de produção de violência física ou psicológica contra os homossexuais, podem atuar como provedora de afeto e proteção. Todos os relatos deste primeiro eixo evidenciaram o preconceito e as dificuldades na aceitação familiar corroborando com dados obtidos na literatura, no entanto, apesar de toda rejeição e dificuldade inicial, este último sub-eixo trouxe a família sob um novo ângulo, como provedora de afeto, proteção e cuidado, o que possibilita compreender que há um processo de aceitação familiar que tramita por diversas fases, desde a renúncia imediata até mesmo a compreensão tardia.

Veremos então, a partir do próximo eixo, a forma que os participantes encontraram para enfrentarem as dificuldades na aceitação familiar e quais foram às redes de apoio que auxiliaram na superação do preconceito e da discriminação.

7.2 Eixo-temático 2: Redes de Apoio e estratégias de enfrentamento: o que se encontra no fim do Arco-íris?

Como vimos no primeiro eixo, às relações familiares após a descoberta da homossexualidade de um membro familiar pode transitar por diversas fases, entre elas, a fase da negação, da rejeição, ou até a fase da completa aceitação. Nesta perspectiva, entende-se que nem sempre a família atuará como fonte de apoio, tendo em vista o preconceito inicial relatado na maioria das narrativas dos colaboradores deste estudo.

Deste modo, Lomando; Wagner e Gonçalves (2011) afirmam que as relações de amizades podem ser consideradas relevantes redes de apoio diante dessa realidade, no que diz respeito à superação do preconceito familiar frente à orientação e/ou identidade sexual contrária à heterossexualidade, tendo em vista que são dos amigos os primeiros apoios que os homossexuais recebem ao se descobrirem homossexual, ou até mesmo durante o processo de revelação para a família ou para a sociedade.

Alguns dos depoentes relataram em suas narrativas a importância dos amigos enquanto incentivadores da luta contra o preconceito e também em questões relacionadas ao processo de autoaceitação. Em seu discurso, **Verde** recorda a primeira pessoa, fora do contexto familiar, a qual contou sobre sua homossexualidade:

Lembro que contei primeiro ao meu melhor amigo. Ele me deu total apoio e disse que independente de qualquer coisa a gente era amigo e me aconselhou. (Verde)

Observa-se a partir da narrativa de **Verde**, a acolhida e o reconhecimento existentes pelo apoio ofertado por seu melhor amigo ao saber de sua sexualidade, relatando ainda, não ter sofrido nenhum tipo de rejeição por ele ou por alguma outra pessoa de seu ciclo de amizades, apesar de terem se surpreendido devido à condição de “namorador” antes já expressa por **Verde**, e o fato do mesmo nunca ter apresentado trejeitos que identificassem sua homossexualidade.

Diferente do depoente acima, **Amarelo** sempre foi questionado por seus amigos a respeito de sua orientação sexual, até chegar o momento que sentiu-se a vontade e confiante para revelá-la:

Tem um amigo [...] foi ele quem eu contei assim, a primeira vez.. de fora. Assim... o pessoal perguntava: “ah amarelo, tu é gay, não sei o que..”, daí ele foi a única pessoa que eu falei primeiro. (Amarelo)

Amarelo sempre teve seu ciclo de amizade bastante diversificado, incluindo amigos heterossexuais e homossexuais, e após a confirmação de sua sexualidade para seus amigos encontrou neles uma rede de apoio que lhe proporcionou uma melhor vivência de sua sexualidade, sem julgamentos ou rejeição. Para Soares et al. (2011) as redes de apoio, seja ela formada por familiares ou amigos, devem exercer a função não apenas de apoio, mas também de companhia, pois é a partir das relações com outros indivíduos que os homossexuais e/ou transgêneros constroem sua identidade.

Neste sentido, **Lilás** revela em sua narrativa a importância do apoio e do reconhecimento por parte de um grande amigo na época de sua transição. Para **Lilás**, poder ter o apoio de alguém que estava enfrentando situações semelhantes, lhe serviu de suporte para fortalecer seus ideais e tornar-se a pessoa que se tornou hoje:

Eu tinha um amigo que também fez parte desse processo.. Meu grande amigo SOL.. ele já percebia que eu era [...] A gente, toda vida se identificou muito, sofremos juntas, mas eu sempre dizia a ela: “mulher, eu vou vencer, eu vou vencer!” e ela sempre me apoiando, sempre do meu lado e acreditando.. E graças a Deus, VENCI! (Lilás)

Assim como **Lilás**, **Laranja** também encontrou em um amigo homossexual o apoio para compreender o universo da homossexualidade, bem como, aceitar-se como integrante deste:

Quando cheguei aqui encontrei um amigo que já era homossexual e bem mais velho do que eu [...] Então assim, eu tinha aí uma referência nele, nada de influência, tinha uma referência. [...] esse meu amigo, o Caetano, acho que ele me ajudou a me descobrir, a realmente ver se era isso. (Laranja)

Laranja expressa em sua narrativa a necessidade de ressaltar sobre a referência tida em seu amigo, considerando os julgamentos sociais e familiares existentes em torno de questões voltadas para influências entre amizades com homossexuais. Segundo Campos e Guerra (2016) os homossexuais sentem-se mais a vontade em compartilhar com os amigos

questões referentes à sua orientação sexual, principalmente quando estes também são homossexuais, por já terem vivenciado ou estarem vivenciando situações similares e conseguirem compreender de forma empática os problemas e as dificuldades enfrentadas, conforme entenderemos a partir da narrativa a seguir:

Eu acredito que as relações de amizade elas ajudam a gente a compreender um ao outro, [...] você vai descobrindo que tem outras pessoas que são iguais a você e você não é essa diferença no mundo, como muita gente acha. Acho que essa questão das turmas, dos grupos de amigos, é muito bom né? [...] Eu acho que os amigos foram muito importantes. (Vermelho)

Vermelho confirma em sua narrativa a importância dos laços de amizade enquanto fortalecedores da identidade social e sobre o que diz respeito à influência exercida sob o bem-estar dos homossexuais. Por compreenderem a necessidade de consolidar esses vínculos de amizades, os colaboradores deste estudo, mesmo diante do preconceito familiar, social e da violência, decidiram em meados de 2013 firmar um grupo de apoio o qual intitularam de GLOS (grupo pela livre orientação sexual) com o intuito de promover eventos voltados para a causa e ajudar pessoas que estivessem enfrentando dificuldades relacionadas à sua orientação ou identidade sexual.

Em seu depoimento, **Vermelho** relata ainda, um pouco sobre a essência do GLOS:

O GLOS já foi a gente que teve a iniciativa de fundar.. porque a gente começou a perceber que tem, é.. assim.. como a gente tem estudo e começou a trabalhar muito cedo, a gente teve mais acesso a informação. E como começou alguns casos de agressão, de violência aqui [...] Se a gente não podia ajudar diretamente, a gente podia pelo menos fazer um encaminhamento pra um espaço onde possa ajudar os outros, as pessoas que tinham menos informações do que a gente.. porque tem muitos, né? Então acho que começou mais nisso.. a gente começou a ver.. é.. pessoas que estavam sendo.. sendo agredidas, muitas pessoas sem informação. E a gente tinha essa informação, então porque não compartilhar com os colegas que não tem? (Vermelho)

De acordo com a narrativa de **Vermelho**, o GLOS foi instituído com o intuito de ofertar aos seus associados um ponto de apoio os quais poderiam recorrer diante de situações

que envolvessem preconceito, discriminação, violência, servindo também como um espaço informativo para homossexuais ou parentes, que precisassem e buscassem ajuda. Segundo Silva e Santos (2014) esses grupos de apoio social possuem a finalidade de ofertar suporte principalmente àqueles que se encontram em situações de risco e de vulnerabilidade.

Para **Lilás**, devido o GLOS ser consideravelmente recente e as relações de amizade com os associados serem antigas, o grupo lhe surtiu efeito no sentido de ofertar e promover apoio para as outras pessoas, devido suas experiências no que diz respeito ao preconceito vivenciado no início da sua descoberta:

Depois que começou a acontecer muita coisa, o grupo GLOS passou a ser mais presente, porque não é um grupo tão antigo, ficou mais recente agora. Mas eu, já era (estalar dos dedos) participante há muito tempo. Já entrei bem resolvida, mas é muito bom agora, no início pra você ter um apoio, entendeu? É muito bom agora pra essa geração mais nova, que tá vindo, já tem onde buscar um apoio. (Lilás)

Embora **Lilás** relate em sua narrativa que o GLOS serviria como apoio para as novas gerações, as atividades não estão sendo tão frequentes quanto no início de sua fundação, no entanto, alguns depoentes reconhecem a importância de mantê-lo ativo, como podemos compreender a partir da narrativa de **Verde**:

Então seria uma coisa muito importante continuar com O GLOS ativo, porque leva os direitos e leva opinião. (Verde)

Cada participante, a sua maneira, demonstra em suas narrativas a importância de manter o grupo ativo, por reconhecerem o cenário atual da violência contra os homossexuais e transexuais. Para **Azul**, o ideal seria que o grupo nunca tivesse cessado com as suas atividades:

O GLOS ajudou a abrir a cabeça, a suportar, a fortalecer essa coisa aí, né? Era sempre bom na verdade mantê-lo ativo, só que temos todos uma ocupação e relaxamos devido o corre-corre da vida, mas seria interessante que ele nem tivesse parado, fosse ativo, para que a sociedade soubesse que existe um grupo.. um ponto de apoio, preparado, com pessoas qualificadas e preparadas para defender e para ir atrás dos direitos. (Azul)

Apesar do GLOS não realizar suas atividades com tanta frequência quando comparado ao início de sua fundação, o grupo deixou marcas positivas em seus associados e certamente proporcionou aos participantes dos eventos realizados, uma visão desmistificada quanto à homossexualidade, fortalecendo a luta contra o preconceito social e familiar.

Além das redes de apoio e o grupo formado pelos participantes deste estudo, foram identificadas através dos relatos analisados, estratégias de enfrentamento utilizadas como forma de vencer a rejeição familiar e social. Segundo Lima (2015) a finalidade dessas estratégias é diminuir ou desconsiderar o estressor, sendo um meio de adequação para se romper com a discriminação e os preconceitos existentes.

Para alguns depoentes, a estratégia de enfrentamento mais utilizada foi à conquista da independência financeira através do trabalho e das posições assumidas perante a sociedade. De acordo com o relato de **Vermelho**, as experiências familiares de outros amigos homossexuais foi o que lhe motivou a buscar e conquistar o seu espaço através de seu trabalho:

Mas eu utilizei muito do trabalho pra conseguir o respeito e tentar ignorar essa outra parte, apesar de que tem horas que você sente [...] Porque a gente tem uns amigos homossexuais e a gente escutava que os pais falavam: - “além de ser fresco, ainda tá dentro de casa..” [...] então eu sempre queria o meu canto pra ser independente, tá entendendo? Pra não tá sofrendo.
(**Vermelho**)

Assim como **Vermelho**, **Lilás** também visou a sua independência desde muito cedo, com fins de evitar comentários negativos em seu ambiente familiar que a diminuísse ou menosprezasse sua condição sexual, possibilitando a vivência de sua orientação de maneira mais livre:

Minha mãe chegou pra mim e disse: - ‘você parece que é gay’, eu disse: - ‘sou’! Mas eu sempre dizia a minha mãe: ‘enquanto eu for de menor, eu to em casa, mas a partir do momento que eu fizer minha maioridade, saio de casa’, [...] a partir do momento que consegui minha independência, tudo mudou! Hoje pago minhas contas, tenho minha casa, tenho meu carro, tenho meu emprego, não dependo de ninguém, só tem que aceitar. (**Lilás**)

Lilás e Vermelho conseguiram conquistar o respeito de suas famílias e da sociedade a partir do momento que enfrentaram e venceram todas as dificuldades de inserção de homossexuais e transgêneros no mercado de trabalho, conquistando a autonomia sobre sua vida pessoal e um espaço de referência perante o meio social na época jamais ocupado por homossexuais, conforme a narrativa de **Vermelho**:

A gente assumiu posições perante a sociedade que antes não tinham sido ocupados nem por mulheres, então eram três homossexuais, em cantos de poder no governo né? [...] Você ter homossexual assessor do prefeito, na direção de um hospital, outro coordenando o Peti com cento e tantas crianças... essa postura da gente mudou a visão de algumas pessoas, porque a gente sabe que não consegue mudar muito, mas muita gente passou a deixar de ser aquela bichinha [...] que ia andar na rua.. e assumiu posições frente a sociedade. (Vermelho)

De acordo com Ferraz et al. (2016, p. 215) “se, de um lado, estar na casa dos pais, por exemplo, significa submeter-se ao poder, na maioria das vezes heteronormativo, de quem a sustenta, por outro lado, quem responde financeiramente por si mesmo está em condições de “ditar” como pretende viver”. Neste sentido, ao tornarem-se independentes e dominarem o comando de suas vidas pessoais e profissionais, os depoentes deste estudo conquistaram a liberdade para vivenciarem sua homossexualidade de uma forma mais aberta, tanto para a família, quanto para a sociedade.

8 *Considerações Finais*



As práticas homossexuais estiveram presentes em diversos períodos históricos, ora tidas como normais, ora tidas como pecado, crime ou doença. Essa realidade ainda possui grande influência nos dias atuais no que tange a homossexualidade, o que favorece na maioria das vezes a existência do preconceito e da discriminação em diversos âmbitos sociais, inclusive, dentro do próprio ambiente familiar como evidenciou-se nos relatos expostos.

Para compreender a vivência da homossexualidade dos colaboradores deste estudo, foi necessário realizar um resgate nas histórias de cada depoente sobre como se deu o processo de descoberta e/ou revelação de sua orientação sexual para seus familiares. Com base na análise das narrativas, evidenciou-se recortes de suas histórias que indicam dificuldades na aceitação entre os familiares, e em alguns relatos ficam nítidos a existência de violência e repressão após a revelação da homossexualidade.

Entende-se que a dificuldade inicial na aceitação da orientação sexual de determinado membro familiar, se dá devido à heterossexualidade ainda ser vista como um padrão hegemônico na sociedade e qualquer outra maneira de orientação sexual, vista como um comportamento desviante. Essa “norma” faz com que os pais e outros familiares demorem a compreender a homossexualidade como uma condição natural tal qual a heterossexualidade, o que estimula o surgimento de situações de tensão, fazendo do ambiente familiar, um ambiente hostil e até mesmo violento.

Alguns dos participantes relatam em suas narrativas que foram vítimas de violência doméstica por determinados membros familiares que acreditavam que a repressão exercida contra o homossexual seria a solução para reenquadrá-lo a normatividade. O padrão de gênero culturalmente construído pela sociedade faz com que a violência contra os homossexuais inicie-se desde muito cedo, ao serem identificados comportamentos que não correspondem ao sexo biológico ao qual determinado indivíduo pertence. Neste sentido, as marcas deixadas pela violência vão além de cicatrizes na pele, pois influenciam fortemente na construção da identidade do sujeito agredido.

Outras formas de resistência na aceitação da homossexualidade dentro do contexto familiar foram identificadas nos relatos dos participantes, como por exemplo, o fato de alguns familiares optarem por silenciarem e por não permitirem em alguns casos a exposição da homossexualidade do parente para a sociedade. A partir destes relatos, destacou-se sentimentos de rejeição e negação provocados pela não compreensão da homossexualidade dentro do seio familiar.

No entanto, apesar da dificuldade na aceitação e da violência vivenciada por alguns depoentes serem constantes dentro dos ambientes familiares, a família também pode atuar

como provedora de afeto, cuidado e proteção. Nesta perspectiva, alguns depoentes encontraram em alguns familiares o ponto de apoio necessário para vivenciarem sua homossexualidade com mais naturalidade, sendo a mãe em unanimidade a figura de suporte para os filhos homossexuais, e o pai, na maioria dos casos, a figura repressora.

Este estudo revelou que os grupos de apoio formados a partir das relações de amizade, favorece o enfrentamento do preconceito com mais otimismo e fornece ao homossexual a certeza de que o mesmo não está sozinho, o que proporciona a força necessária para continuar na luta contra o preconceito. Os colaboradores afirmam em seus relatos a importância do crescimento pessoal e profissional como forma obter o respeito familiar e social, utilizando da independência financeira como estratégia para conquistar a sua autonomia e o seu espaço na sociedade.

Apesar das narrativas tornarem evidentes que os sujeitos homossexuais identificam-se como tal ainda na infância, para outros, a homossexualidade surgiu como uma descoberta na adolescência ou em sua vida adulta, após já terem vivenciado até mesmo relacionamentos heterossexuais. Diante desta realidade acredita-se existir uma dinamicidade nas questões voltadas para a orientação e identidade sexual, as quais não devem ser rotuladas ou engessadas.

Por fim, a principal limitação para realização deste estudo foi a escassez de artigos que envolvessem a homossexualidade de forma mais abrangente, incluindo relações familiares e redes de apoio, o que confirma a necessidade da realização de novas pesquisas na área a fim de provocar discussões e reflexões que estimulem a erradicação de ações discriminatórias tão frequentes em nossa realidade contra os homossexuais. Desta forma, acredita-se que este estudo contribuirá para a ampliação dos conhecimentos acerca da temática, principalmente entre os profissionais de saúde, e facilitará a compreensão no que se refere às diversas formas de orientações sexuais e identidade de gênero facilitando a prática da política de Atenção à Saúde da População LGBT.

Referências



CAMPOS, L. S.; GUERRA, V. M. O ajustamento familiar: associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. **Psic. Rev. São Paulo**, v. 25, n. 1, p. 33-57, 2016.

CECCARELLI, P. R.; FRANCON, S. Homossexualidade: verdades e mitos. **BAGOAS – Estudos gays, gênero e sexualidade**, n. 05, p. 119-129, 2010.

COSTA, R. S. M. Homossexualidade: um conceito preso ao tempo. **Bágoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 1, n. 1, 2010.

COSTA, C. B.; MACHADO, M. R.; WAGNER, M. F. Percepções do homossexual masculino: sociedade, família e amizades. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 777-788, 2015.

COSTANTIN, N. I. F. P. **Pais de homossexuais: etapas no processo de aceitação da orientação sexual dos/as filhos/as**. 2011.

DIAS, A. F. “Ser” ou “não-ser” homossexual? Eis a questão - o homoerotismo no Brasil. **Revista Fórum Identidades**, v. 2, n. 2, jul. – dez. 2007.

FARIAS, M. O. Mitos atribuídos às pessoas homossexuais e o preconceito em relação à conjugalidade homossexual e a homoparentalidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, n. 1, p. 99-109, 2010.

FERRAZ, D. L. S. et al. A fala de gays sertanejos: aproximações e distanciamentos disursivos em duas gerações. **Bágoas**, n. 15, p. 203-222, 2016.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

FRIGO, J. et al. Políticas públicas de saúde frente às necessidades dos homoafetivos: Reflexão da práxis de enfermagem. **Brazilian Journal of Surgery and Clinical Research**, v. 6, n. 1, p. 28-33, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6ª ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HAUER, M. GUIMARÃES, R. S. Mães, Filh@s e Homossexualidade: Narrativas de Aceitação. **Trends in Psychology/Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 649-662, 2015.

KAURAK, F. S.; MANHÃES, F. C.; MEDEIROS, C. H. **Metodologia da Pesquisa. Um guia prático**. Itabuna, Bahia, 2010.

IBGE. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Cidades. Cuité. Disponível em: <cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250510&search=paraibalcuite>. Acesso em: 24 de setembro de 2016.

JESUS, J. G. Orientações sobre identidade de gênero, conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**. Brasília, dezembro, 2012.

- LIMA, B. S. Formas de enfrentamento diante do preconceito e discriminação vivenciados por pessoas homoafetivas. **O portal dos psicólogos**, 2015.
- LOMANDO, E.; WAGNER, A.; GONÇALVES, J. Coesão, adaptabilidade e rede social no relacionamento conjugal homossexual. **Psicologia: teoria e prática**, v. 13, n. 3, p. 95-109, 2011.
- MATOS, J. S.; SENNA, A. K. História Oral como Fonte: problemas e métodos. **Historiae**, Rio Grande, v. 2, n. 1, p. 95-108, 2011.
- MEIHY, B.; HOLANDA, F. **História Oral: como fazer, como pensar**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2010.
- MODESTO, Edith. **Mãe sempre sabe? Mitos e verdades sobre pais e seus filhos homossexuais**. Rio de Janeiro, Editora Record 2008.
- MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. A homossexualidade e a sua história. **IV Encontro de iniciação científica e III encontro de extensão universitária**, v. 4, n. 4, 2008.
- MOREIRA FILHO, F. C.; MADRID, D. M. **Conceituando a homossexualidade**. IV Encontro de iniciação científica e III encontro de extensão universitária, v. 4, n. 4, 2008.
- MOREIRA, A. Z. M.; DÓCOLAS, G. M. G. A Voz do Segredo: Homossexualidade na Família. **Pensando Famílias**, v. 1, n. 1, p. 56-61, ago. 1999.
- NOGUEIRA, C. et al. Estudo sobre a discriminação em função da orientação sexual e da identidade de gênero. **Conlecção estudo de gênero**. Lisboa, dez, 2010.
- PERUCCHI, J.; BRANDÃO, B. C.; VIEIRA, H. I. S. Aspectos psicossociais da homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. **Estudos de Psicologia**, v. 19, n. 1, p. 65-76, jan-março, 2014.
- POESCHL, G.; VENÂNCIO, J.; COSTA, D. Consequências da (não) revelação da homossexualidade e preconceito sexual: o ponto de vista das pessoas homossexuais. **Psicologia [online]**, v. 26, n. 1, p. 33-53, 2012.
- SANTOS, J. A. L.; ATAÍDE, J. N.; SILVA, L. L. C. Adoção entre casais homoafetivos no Brasil contemporâneo. **Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas**, v. 1, n. 4, Ipatinga, MG, Brasil, 2013.
- SILVA, M. M. L. et al. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em Psicologia**, v. 23, n. 3, p. 677-692, 2015.
- SILVA, C. M. P. et al. A família homoafetiva no contemporâneo: qualquer maneira de família vale a pena. **Revista presença**, v.1, n.4, p. 20-41, 2016.

SILVA, M.; MUNHOZ, D. Homossexualidade: uma abordagem histórico-social. **Revista Acadêmica da Faculdade Fernão Dias**, ano 2, n. 4, junho de 2015.

SILVA, J. S.; NASCIMENTO, L. K.; NASCIMENTO. Aceitar, Rejeitar, Conformar: ambivalências em narrativas de mães diante da “descoberta” da homossexualidade do/a filho/a. **Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, nº. 1, vol. 1, jan./jun. 2016.

SILVA, B. B.; SANTOS, E. C. Apoio e suporte social na identidade social de travestis, transexuais e transgêneros. **SPAGESP**, v. 15, n. 2, p. 27-44, 2014.

SILVA, P. S. Uniões Homoafetivas: o casamento civil entre pessoas de mesmo sexo, passos lentos em um caminho sinuoso. **Núcleo de Estudos de Gênero – Caderno espaço feminino**, v. 28, n. 2, jul-dez, 2015.

SIMPSON, A. C. et al. Trajetória de vida de um homossexual: entre o silêncio e a opressão¹. **Cienc Cuid Saúde**, v. 6, n. 4, p. 424-432, out/dez, 2007.

SOARES, M. et al. O apoio da rede social a transexuais femininas. **Paidéia**, v. 21, n. 48, p. 83-92, jan-abr, 2011.

SOLIVA, T. B. Família e Homossexualidade: uma análise da violência doméstica sofrida por jovens homossexuais. **Fazendo Gênero - Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, ago, 2010.

SOLIVA, T. B.; SILVA JÚNIOR, J. B. Entre revelar e esconder: pais e filhos em face da descoberta da homossexualidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad - Revista Latino americana**, n.17, p. 124-148, ago, 2014.

SCHULMAN, S. **Homofobia familiar**: uma experiência em busca de reconhecimento. Trad. Felipe Bruno Martins Fernandes. n.5, p. 67-78, 2010.

TOLETO, L. G; TEIXEIRA FILHO, F. S. Homofobia Familiar: abrindo o armário entre quatro paredes. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**; Rio de Janeiro, v. 65, n. 3, p. 376-391, 2013.

Apêndices



APÊNDICE A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE
UNIDADE ACADÊMICA DE ENFERMAGEM
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

**TÍTULO DO PROJETO: “QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”:
HISTÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES**

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Alynne Mendonça S. Nagashima

PESQUISADORA AUTORA: Heloane Medeiros do Nascimento

FICHA INDIVIDUAL

CONDINOME: _____ IDADE: _____

CIDADE NATAL: _____ ESCOLARIDADE: _____

RELIGIÃO: _____ OCUPAÇÃO: _____

ESTADO CIVIL: _____ HÁ QUANTO TEMPO FREQUENTA AS

REUNIÕES DO GRUPO: _____

QUESTÕES DE CORTE

1. Em que momento da vida você descobriu-se homossexual?
2. O que mudou após a revelação da sua homossexualidade para sua família e para sociedade?
3. Sua família influencia na sua vivência da homossexualidade?
4. Quais as maiores dificuldades que você enquanto homossexual teve que enfrentar dentro e fora do seio familiar?
5. Como e onde você encontrou apoio para superar os preconceitos familiares e sociais?

Anexos



ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DO PROJETO: “QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA”: HISTÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não lhe causará nenhum prejuízo.

Eu _____, portador da Cédula de identidade, RG _____ e inscrito no CPF/MF _____ nascido (a) em /_____/_____, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo, que tem como **objetivo principal**: Compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente que:

- I) Esta pesquisa tem como benefícios: trazer visibilidade a temática homossexualidade, bem como conhecer o universo da pessoa homossexual e suas relações familiares e sociais. No entanto, caso venha me trazer algum risco decorrente da participação tenho o direito de interromper ou recusar-me a continuar a participar do estudo, sem que haja nenhum prejuízo a minha pessoa.
- II) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- III) A desistência não causará nenhum prejuízo à minha saúde ou bem estar físico, garantindo assim minha autonomia, reconhecendo minha vulnerabilidade e assegurando minha vontade em contribuir e permanecer, ou não na pesquisa, por intermédio de manifestação expressa, livre e esclarecida.
- IV) Os resultados obtidos durante este estudo serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que meus dados pessoais não sejam mencionados;

V) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados, ao final desta pesquisa.

() Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

() Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

VI) Esse termo será assinado por mim e pela pesquisadora responsável em duas vias, ficando uma via comigo e outra com a pesquisadora.

VII) Caso me sinta prejudicado por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisas em Seres Humanos e ao Conselho Regional de Enfermagem da Paraíba.

Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Cuité - PB, _____ de _____ de 2017.

Entrevistado: _____

Testemunhas: _____

Polegar Direito

Alyne Mendonça Saraiva Nagashima
Pesquisadora Responsável

Heloane Medeiros do Nascimento
Pesquisadora Autora

Endereço Profissional: Universidade Federal de Campina Grande-Campus, Centro de Educação e Saúde. Olho D'Água da Bica S/N, CEP: 58175-000 – Cuité, PB – Brasil. Telefone: (83) 33721900 Ramal: 1954 ou (83) 33721950.

Endereço do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos – CEP, Hospital Universitário Alcides Carneiro – HUAC. Rua. Dr. Carlos Chagas, s/ n, São José, Campina Grande – PB. Telefone. (83) 2101 – 5545. E-mail. cep@huac.ufcg.edu.br
ANEXO B -

ANEXO B – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA DO HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: QUALQUER MANEIRA DE AMOR VALE A PENA; HISTÓRIAS DE HOMOSSEXUAIS E SUAS VIVÊNCIAS FAMILIARES

Pesquisador: Alynne Mendonça Saraiva

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 62646716.6.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 1.912.740

Apresentação do Projeto:

Trata-se de pesquisa qualitativa do tipo descritiva, exploratória, respaldada pelo método de História Oral tem por objetivo compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio. O estudo pretende contribuir para a ampliação dos conhecimentos acerca de temática e facilitará a compreensão no que se refere às diversas formas de orientações sexuais e identidade de gênero. Serão entrevistados oito indivíduos vinculados ao grupo de apoio: "GLOS – Grupo pela Livre Orientação Sexual", situado na Cidade de Cuité, Curimatá Paraíba.

Objetivo da Pesquisa:

Geral

- Compreender a vivência de homossexuais na dinâmica familiar e suas redes de apoio.

Específicos

- Conhecer como a família influencia na vivência da homossexualidade;
- Averiguar as dificuldades vivenciadas pelas pessoas homossexuais nas relações familiares;
- Identificar a rede de apoio social e estratégias utilizadas por homossexuais para enfrentamento

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.912.740

das dificuldades;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A pesquisa apresenta riscos controláveis, como o de revelação das identidades dos participantes ou, ainda que não intencional, de constrangimento ou desconforto aos envolvidos, sobre os quais as autoras demonstram conhecimento. Desta forma, a relação risco/benefício se demonstra favorável à condução da pesquisa. Os benefícios declarados são: trazer visibilidade a temática homossexualidade, bem como conhecer o universo da pessoa homossexual e suas relações familiares e sociais.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A relevância do estudo encontra-se no levantamento de dados que irão auxiliar na formação de profissionais de enfermagem livres de preconceitos e que possuam conhecimento suficiente para atuarem diante de qualquer situação que envolva questões homossexuais.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos solicitados foram apresentados.

Recomendações:

Recomenda-se uma atenta revisão da língua portuguesa.

Reforça-se a necessidade de anexar os resultados da pesquisa na Plataforma Brasil quando da conclusão da pesquisa.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O trabalho atende as exigências da resolução 466/96.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_808181.pdf	03/12/2016 12:33:13		Aceito
Outros	autorizacao_grupo.docx	03/12/2016 12:32:52	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	declaracao_divulgacao.jpg	03/12/2016 12:32:29	Alyne Mendonça Saraiva	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 1.912.740

Declaração de Pesquisadores	declaracao_compromisso.jpg	03/12/2016 12:31:52	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.docx	14/11/2016 14:35:03	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_de_Pesquisa_Qualquer_maneira_de_amor_vale_a_pena.docx	03/11/2016 13:02:11	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
Outros	Entrevista_semi_estruturada.docx	03/11/2016 12:59:16	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	03/11/2016 12:58:27	Alynne Mendonça Saraiva	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 08 de Fevereiro de 2017

Assinado por:
Januse Nogueira de Carvalho
(Coordenador)

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n
Bairro: São José CEP: 58.107-670
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br